



# BOLETIM ProMuSPP 2

A PANDEMIA CONTINUA E A  
ESPERANÇA SOBREVIVE

2021: Dez anos de ProMuSPP no  
centenário de Paulo Freire



# Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política

## BOLETIM

## ProMuSPP 2

A PANDEMIA CONTINUA E A ESPERANÇA SOBREVIVE

2021: Dez anos de ProMuSPP no centenário de Paulo Freire

**Equipe de concepção e desenvolvimento:**

**Coordenação:** Marcos Bernardino de Carvalho e Elizabete Franco Cruz

**Capa, edição, diagramação e projeto gráfico:** Laís Eloá Pellegrinello

**Revisão:** Ana Sanches e Taís Rodrigues Tesser

**Colaboração:** André Felipe Simões, Adriana Poveda, Alexandre da Silva, Amanda Caroline Harumy Oliveira, Ana Claudia Sanches Baptista, Bianca Juliana Piazzetta Veiga, Cristiane Kerches da Silva Leite, Cristiano Addario de Abreu, Daiany Mayara de França Saldanha, Diane Boda, Eliane de Souza Almeida, Elizabete Franco Cruz, Emerson Moreira Gonçalves, Evandro Brandão Secco, Guilherme Silva Pires de Freitas, Henrique Araujo Aragusuku, Hugo Leonardo Silva Mansur, Ingrid Merllin Batista de Souza, Laís Eloá Pellegrinello, Laisa de Assis Batista, Laura Juliana de Melo Silva, Marcelo Vilela de Almeida, Marco Antonio Bettine de Almeida, Marcos Bernardino de Carvalho, Marina Corazza Padovani, Paula Caroline de Oliveira Souza, Rafael Rodrigo da Silva Pimentel, Raquel Melo de Oliveira, Rebeca Pacheco Laranjeira, Rosana Barros dos Santos, Rosely Aparecida Liguori Imbernon, Sidnei Raimundo, Simone de Goes Costa, Simone Lima Azevedo, Solange Borelli, Taís Rodrigues Tesser, Tiago Villa Mello, Vanessa Lino Pereira, Vinicius Felix da Silva

Boletim ProMuSPP 2, 'A pandemia continua e a esperança sobrevive'

[2021: Dez anos de ProMuSPP no centenário de Paulo Freire] (2021: São Paulo, SP)

Orgs. Marcos Bernardino de Carvalho, Elizabete Franco Cruz, Taís Rodrigues Tesser, Laís Eloá Pellegrinello e Ana Claudia Sanches. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2021, 50p.

**ISBN:** 9798782952297

**Selo editorial:** Independently published

1. Interdisciplinar. 2. Pandemia. 3. Arte. 4. Educação. I. Universidade de São Paulo. Título

# Sumário:

## 1. O convite

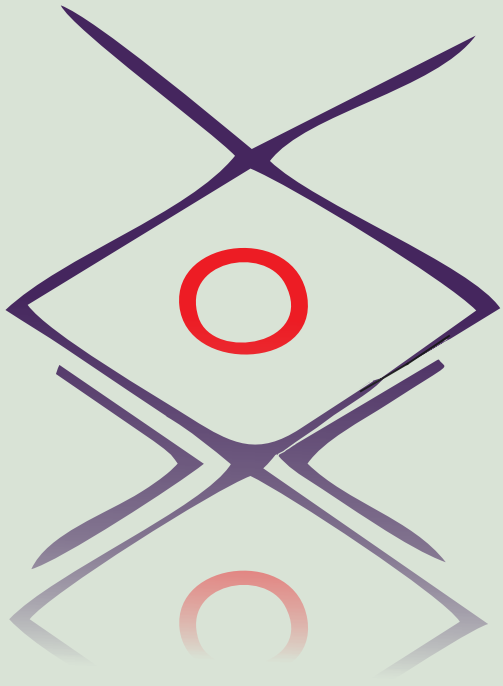
## 2. Indignação e esperança na tessitura coletiva

## 3. Os bordados

## 4. ProMuSPP - dez anos nas trilhas da **MUDANÇA SOCIAL e da PARTICIPAÇÃO POLÍTICA**

## 5. Esperançar





# 1. O convite



Em agosto do ano passado lançamos o Boletim ProMuSPP. 'Vulnerabilidade Social em Tempos de Pandemia', foi o seu título. <<https://sites.usp.br/promuspp/publicacoes/>>

Esse Boletim resultou de um esforço de autoria coletiva, em que um grupo se propôs a organizar as contribuições daquelas que, dentre todas as pessoas vinculadas ao ProMuSPP, dispuseram-se a responder às seguintes questões: "Como a pandemia afeta meu tema de estudo?" e "Como a pandemia afeta a população que estou estudando?"

Naquele momento não tínhamos ideia de quão longa seria ainda nossa jornada. A pandemia segue seu curso avassalador.

Quando lançamos o Boletim, atingimos, no Brasil, a marca chocante de 100 mil mortes. Hoje, já contamos mais de 615 mil!

Seguimos no isolamento, no desalento, na tristeza e na indignação. Mas não perdemos a esperança. Não podemos perder a esperança!

Apesar da continuidade da Pandemia e das suas trágicas consequências, em 2021 também completamos 10 anos do ProMuSPP e 100 anos do nascimento de Paulo Freire, o educador que evidenciou a potência pedagógica da realidade, sobretudo da realidade dos que mais sofrem o peso das injustiças, sugerindo-nos desdobrar essa potência em pedagogias críticas, que se nutram da indignação e da esperança que o reconhecimento desse peso gera em todas nós.

Somos um Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política, ou seja, também nos nutrimos dessas mesmas dimensões, pois são elas – a indignação e a esperança –, que estimulam a participação e promovem mudanças sociais.

Neste ano, somos todas Paulo Freire. Se chamássemos Programa de Pós em Indignação e Esperança, não nos incomodariamos.

Convidamos todas as pessoas do ProMuSPP, a participarem novamente desse esforço coletivo para realizarmos uma segunda edição do nosso Boletim. O encontro potente entre a Pandemia, os 10 anos do nosso Programa e os 100 do Paulo Freire, sugere isso.

"Esperancemos", pois! Atenda ao nosso chamado e colabore respondendo às questões que fizemos na sequência. Como inspiração, enviamos algumas extraídas da fala de nosso homenageado proferidas em algumas de suas últimas entrevistas:

**"A existência humana é naturalmente esperançada (...), pois, se eu sou um ser inacabado e inserido num permanente processo de busca, eu não posso buscar sem esperança"**

**"Sei que é muito difícil manter a esperança num país como este. Não só num país, mas num mundo como este! É difícil, mas é absolutamente fundamental que se mantenha a esperança"**

**"Num país como o Brasil, manter a esperança viva é em si um ato revolucionário"**  
[Freire P. O Profeta da Esperança. Entrevista a Nye Ribeiro da Silva, Dois Pontos. jan/fev 96]

**VAMOS FAZER ESSA REVOLUÇÃO?**

**Sim!!**



Sim! Foi a resposta que recebemos às questões lançadas, após as menções aos quase 2 anos de pandemia, 10 anos de ProMuSPP, 100 de Paulo Freire e tantas outras efemérides que aqui poderíamos evocar, e que pretendiam conjugar em uma mesma equação vida, pós, pesquisa, indignação, esperança, mudança, participação e... revolução. Muitas foram as pessoas que se interessaram em registrar suas particulares formas de compor essa equação.

Uma delas nos disse:

"Muito emocionada recebi a proposta para esse novo Boletim Coletivo do ProMuSPP..."

E a emoção foi nossa, ao constatar em emocionadas manifestações que, com engenho e arte, buscam dar vida à Universidade, ao mesmo tempo nos advertem ser isso possível se a caminhada for conjunta, inclusive da arte, da vida e da Universidade.

E por falar em arte, houve quem tenha lembrado de outro aniversariante de setembro (teria feito 76 anos no dia 22), tragicamente desaparecido (há exatos 30 anos), em um desses enganos do destino, cuja poesia nos deixou inúmeras respostas, para uma questão muito semelhante a que lançamos -- E a vida/ E a vida o que é?/ Diga lá, meu irmão --, e, dentre elas, deixou-nos pelo menos estas, e todas em uma mesma canção: E a pergunta roda/ E a cabeça agita/ Eu fico com a pureza/ Da resposta das crianças/ É a vida, é bonita/ E é bonita/ Viver/ E não ter a vergonha/ De ser feliz/ Cantar e cantar e cantar/ A beleza de ser/ Um eterno aprendiz...

**“A beleza de ser um eterno aprendiz...de que somos nós que fazemos a vida, como der, ou puder, ou quiser”, arremata a pedagogia freireana de Gonzaguinha, esse poeta cantautor.**

A beleza da vida como aprendizado. A potência do convite à ação. E a esperança que daí advém.... Tais são as fórmulas que nos conduzem a celebrar este momento, na lembrança do centenário de um Paulo Freire, na juventude ainda de um Programa como o nosso que, como dissemos, embora seja denominado de Mudança Social e Participação Política, bem que poderia ser um Programa de Pós em Indignação e Esperança, já que sem estas não há nem Mudança nem Participação.

Mesmo sob essa triste condição de pandemia, enlutadas pelas mais de 615 mil mortes, pelos milhões de afetos encerrados, entristecidos, pelo assalto ao Planalto Central, pelas ameaças aos nossos corpos e aos nossos territórios, assim falaram as pessoas que assentiram em compor e compartilhar essas pedagogias vivenciadas na pandemia.

Pedagogias da pandemia, pedagogias da indignação, dentre outras 'ensinagens', tais são também os legados que nos apontam essas manifestações desse povo camarada que resolveu aderir à 'mudança e à participação', com ou sem certificado de colaboração.

Então vamos nos mover por essas colaborações, compor nosso texto coletivo, sempre estimuladas por nosso mestre centenário, que de mudança e de vida também entendia um bocado, como ilustram suas falas e seus derradeiros escritos, reunidos por sua companheira, Nita Freire, como legado, em um texto coincidentemente denominado de "Pedagogia da Indignação". Neste, segredou-nos o mestre, de que há vida, há escrita, há diálogo e comunicação, mesmo após a morte de nossos corpos físicos, sobretudo quando vivemos atados ao corpo social, à coletividade que nos conforma e que conformamos. Quando existimos ligados às nossas comunidades...

Como é ao mestre, que carinhosamente dedicamos nosso Boletim número 2, a palavra primeira será dele, nesses trechos que extraímos de seus últimos escritos. Depois, a todas nós, pessoas dessa nossa pequena, mas aguerrida e sintonizada comunidade, será concedida a possibilidade de prosseguir nessa transcrição dialógica.

Para início, reverenciamos o mantra com que Paulo Freire confere ritmo à sua Pedagogia da Indignação: "mudar é difícil, mas é possível...[e]...mudar implica saber que fazê-lo é possível" ...

E a razão disso, dessa convicção, explica-nos com singeleza o mestre querido:

“Se é possível obter água cavando o chão, se é possível enfeitar a casa, se é possível crer desta ou daquela forma, se é possível nos defender do frio ou do calor, se é possível desviar leitos de rios, fazer barragens, se é possível mudar o mundo que não fizemos, o da natureza, por que não mudar o mundo que fazemos, o da cultura, o da história, o da política?”

(Freire P. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. UNESP, 2000, p. 44)

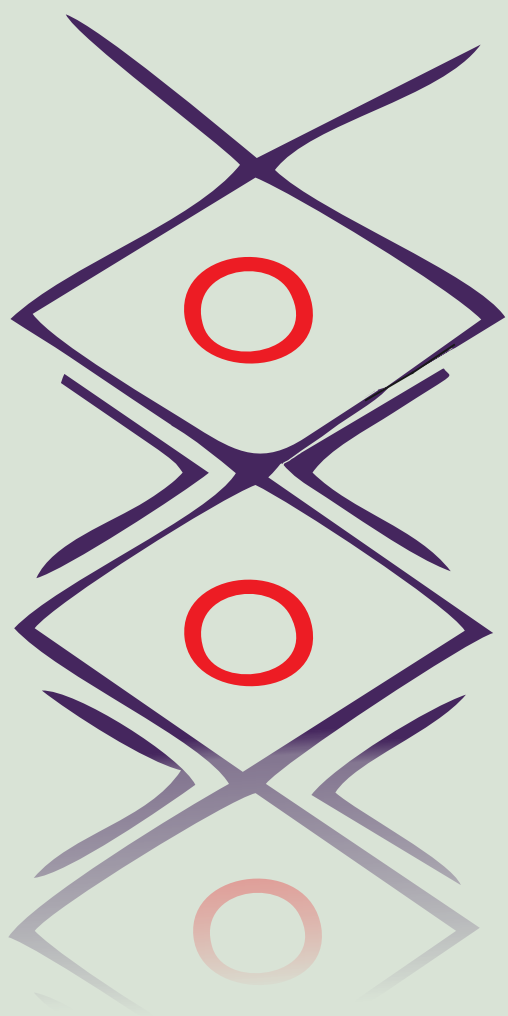
Mas para isso é preciso colocar-se em movimento, “marchar”, como exorta Paulo Freire, maravilhado com o exemplo dos sem-terra – “A eles e elas, sem-terra, a seu inconformismo, à sua determinação de ajudar a democratização deste país devemos mais do que às vezes podemos pensar” --, imaginando como seria bom, “para consolidação de nossa democracia”, se outras marchas os tomassem como exemplo, seguindo-os na sua indignação e manifestação: “A marcha dos desempregados, dos injustiçados, dos que protestam contra a impunidade, dos que clamam contra a violência, contra a mentira e o desrespeito à coisa pública. A marcha dos sem-teto, dos sem-escola, dos sem-hospital, dos renegados. A marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível” (Pedagogia da Indignação, op. cit., p. 29 referindo-se à Marcha dos Sem Terra ocorrida em 17 de abril de 1997).

Esses escritos Paulo Freire os produziu logo após a Marcha dos Sem Terra, ocorrida em 17 de abril de 1997. Dois dias depois, trágica e ironicamente, ou propositadamente, como adverte Nita Freire, no Dia do Índio, 19 de abril, Galdino Jesus do Santos, indígena pataxó, foi queimado em Brasília por cinco adolescentes e não sobreviveu. Indignado, Paulo Freire deixou-nos uma última mensagem que, caso fosse levada mais a sério, talvez não estivéssemos vivendo a tragédia dos dias de hoje:

“o fato em si de mais essa trágica transgressão da ética nos adverte de como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico e libertador” (Freire P. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. UNESP, 2000, p. 31)

E a **vida?** / E a vida **o que é?** /

Diga lá, **minha irmã** / Diga lá, **meu irmão**....



## **2. Indignação e esperança**







## Da constatação da tragédia – na vida, na pesquisa...

"Senhoras e senhores!" Um minuto da sua **atenção**...

A vida está **corrida** e cheia de **incertezas**, um caldo, tudo misturado

A vida está um caos. Perdi meu **quintal**

Tanta coisa aconteceu desde março de 2020, parece que vivi [vivemos] **5 anos em 1**. Tudo muito intenso, doloroso e revoltante

Estamos num "barco à deriva", o país revela **desigualdades** em todas as frentes.

Esse **ano** conseguiu ser ainda mais **atormentador** na minha [nossa] vida

Não há possibilidade de alguém não ter sido afetado em algum grau pelas mudanças impelidas por este contexto, seja nas **mudanças da rotina**, nas **pessoas** que **deixamos de encontrar** e das quais nos **despedimos**, dos impactos econômicos, políticos, sociais, culturais, psicológicos, dentre tantos outros que poderiam ser citados, certamente houve algum grau de influência



Fonte: Marcos Bernardino de Carvalho

Estamos vivendo um luto coletivo, e me preocupa muito quem está normalizando a situação sem elaborar esse **luto**, sem sentir essa **dor** e fazer as reflexões necessárias

**Não descansei** um só dia desde o dia um da pandemia

Gostaria de saber quem, nesses tempos de pandemia, tem dado conta de **tantas tarefas**.

Pelo menos o universo das **mulheres**, e especificamente das **mulheres negras**, de onde falo, o tempo tem sido escasso. Mãe solo de duas, me desdubro para buscar dar conta de todas as demandas. Não dou. **E parei de sofrer com isso.**

Desagüares pandêmicos: o **colo** que me abriga é o **colo** de minha filha

Não há proteção possível... certos **vírus** estarão sempre **à espreita**. A violência, a doença, a fome. Não há proteção nas paredes da casa. O ar pode te envenenar.

Como a culpa sempre acaba nos contagiando **le os vírus nos contaminando** fui infectada pela Covid-19 faltando pouco tempo para tomar a primeira dose da **vacina**

A **minha vida, pós e pesquisa** está caminhando na conexão com formas e estratégias de superação deste momento tão delicado e difícil

Minha **pesquisa** está parcialmente **parada**, pois há a impossibilidade de trabalhos de campo.

Minha vida desacelerou,  
Mas a mente não.  
Minha pós se valorizou,  
Mas a escrita não.

Minha pesquisa sentiu minha falta,  
E minha falta de mim,  
Sentiu o peso da pesquisa.

Esse ano conseguiu ser ainda mais atormentador na minha vida

# Cultivares/ métodos/ caminhos:



Fonte: Emerson Moreira Gonçalves. Formação com estagiários da Prefeitura de Suzano SP - Círculo Restaurativo sobre Educação em Direitos Humanos.

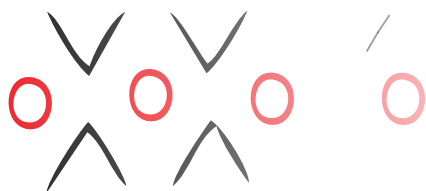
Haja revolução!  
Que começa em mim, aqui dentro.  
Quando de animadora,  
Entusiasta,  
Inspiração - fora e dentro,  
Sinto o peso do pensamento.  
Do saber,  
Do ser,  
Do querer,

**E do sempre resolver.**

Então, vocês me perguntam: ...

É nessa mesma **mesa** que passo todos os dias, nesse mesmo **computador** que serve para tudo **trabalhar**, estudar, **pagar** contas e assistir filmes

A **pesquisa acadêmica** mesmo a passos curtos, surge como **mecanismo** de **libertação!**



Está um **vai e vem**, uma **resistência** em **existir**.

**Penso** que devemos **pensar**, reconhecer que **erramos**, que **erramos muito**, e que precisamos **mudar**.

# Conceição

Evaristo, romancista, poeta e contista, inventou a roda viva da

## escrevivência

Pesquisar, enquanto ato científico, ganha corpo enquanto **ato político**, enquanto ação de um viver social em que se têm, como dever, contribuir para o avanço do conhecimento. Todavia, mais do que isso

A **auto busca** e tentativas de **conhecer mais do mundo**, identificar o tanto do mundo que há em mim e o tanto que me doou ao mundo tem sido um exercício diário

A **pesquisa** tem **fluido de diferentes maneiras** e todas elas tem me feito **enxergar novas possibilidades de caminho**, na compreensão que educação e arte são ferramentas para mudar o mundo com amor

minha **pesquisa** ainda **não "está"** propriamente, pois ainda estou me **recondicionando** ao **ritmo acadêmico** com as **disciplinas**

**Investigar criativamente** e não separar **arte, vida** e **Universidade**.

Minhas ações no mundo, as indignações e modos de **esperançar**, e a formulação escrita (socialização) da dissertação são indivisíveis.

**"Caranguejo se esconde para a água passar."**

E a pausa ajudou a digerir minimamente o caos e reestruturar alguns caminhos

Estamos **seguindo**, mas pisando em corpos, como se nada estivesse acontecendo, com a justificativa de que não podemos parar e a vida precisa seguir.

**Fé** na ciência, fé na humanidade e em todas as forças espirituais que nos guiam!

Salve **Oxum**, **Exu** e **Xangô**!

Glória a Deus, **Deusas** e todos os Deuses!

Viva o **SUS** e a Ciência que nos

**guia** e nos protege!

Saudades do pai que mora no Caribe, do avô que morreu, dos amigos da **escola**, do cachorrinho que sonha ter. Ela chorou. Desagudou em sua dor infantil. E eu desaguei com ela, numa tentativa de ser **colo**, mas também de buscar naquele **abraço** a força que preciso para continuar a caminhada

Quem **romantiza** os discursos meritocráticos e de superação, não são os **marginalizados...**

Quem se coloca na situação de violência, **não** é a mulher... Quem naturalizou o racismo **não** foi o preto, o judeu ou o indígena... Quem padronizou os espaços **não** foi a pessoa com deficiência... Quem se coloca na situação de pobreza não é o pobre

conhecer mais do mundo, identificar **o tanto do mundo que há em mim**

Cansei de ouvir discursos rasos, chamando o preto pobre, o nordestino, o favelado, o "viado", a "sapatão", a "gorda" e tantas outras **pessoas que são socialmente REPRIMIDAS, de vitimistas [?].** Afinal, quem produz o "vitimismo"?

## As manifestações de **esperança**



Fonte: Daiany Mayara de França Saldanha. Foto da Isadora, atendida pela ONG Instituto Esporte Mais, parte de uma campanha para arrecadar doações para a instituição. A plaquinha com a palavra ESPERANÇA faz ainda mais sentido agora.



Mas sim, há esperança.  
E ela que traz gotas de calma  
no meu mar de indignação.  
E são, e vão, em vão?

As aulas são pequenas ilhas de frescor dentro dessa kitnet, no meio do mar desse contexto de calamidade e desespero que vemos afundarem o país, são oásis de convivência (mesmo @s outr@s alun@s nem sabendo que eu existo...rsrsrs), de troca, de movimento (porque sinto renovação, percebo que apesar de todos os dias parecem iguais nas aulas algo em mim sempre muda)

enxergar **novas possibilidades de caminho**

Na paz, no amor, na indignação, na esperança e na luta por um Brasil, uma América Latina e um mundo justo, fraterno e igualitário...

viver o presente, mas sempre imaginando um futuro possível

**Projeto de felicidade (cabe?)**

Entre nós, já não é necessário militar. Entre nós é necessário nos apoiar

Vida, pesquisa, indignação e esperança se misturam com a vontade e a necessidade de descolonizar o pensamento na universidade

*educação e arte são ferramentas para mudar o mundo com amor*

não há como pensar em fazer pesquisa e produzir conhecimento sobre questão racial sem atravessar **as minhas escrevivências**, que **são minhas**, portanto, individuais e subjetivas, mas que **também são coletivas**

alçar voz àqueles silenciados, me parece esforço necessário, a fim de inverter a lógica de uma produção científica modulada por modelos norteados fazendo do meu ofício de pesquisa meu instrumento de mudança, mobilizando forças, **alçando diferentes vozes**

No mundo das ONGs, onde transito, milito e tiro meu sustento, **semana a semana fomos testemunhas e agentes de um esperançar que tem superado o desespero, o desânimo, o desemprego e a fome.**

o compositor Siba, da minha terra, "Cada vez que dou um passo, o mundo sai do lugar"

pandemia certamente impactou possibilidades de pesquisa em campo. Mas não foi suficiente para deter a revolta dos povos da América do Sul, abrindo margem para avanços até então inesperados na **participação política.**

Acredito que o momento seja o mais propício para **solidariedade**, onde devemos nos apoiar, ficar próximos das pessoas, estar presente, porém **sem atrapalhar a dor que cada um sente**

aprendi muito nesse último ano, principalmente o significado de **coletividade** e que juntos podemos ser mais fortes e ir mais longe!

**vacina** no braço, **comida** no prato e  
**saúde** pra derrotar o fascismo!



Fonte: Taís Rodrigues Tesser. USPIANAS na Jornada de lutas das estudantes contra Bolsonaro. Março de 2021.

Mas sim, **há esperança**.  
E ela que traz gotas de calma  
no meu mar de indignação.

E são, **e vão, em vão?**  
Já dizia Paulo Freire  
"Ninguém educa ninguém..."  
Eduquei.

**E no lar, no mar, no ar,**  
Busquei o fio que faltava  
para voltar a tecer,  
A ler e escrever  
Sobre ser "**esperançada**",  
**Sobre ser e viver.**  
Sobre as costuras,  
**Sobre os nós,**  
**Sobre nós.**  
Sobre redes.

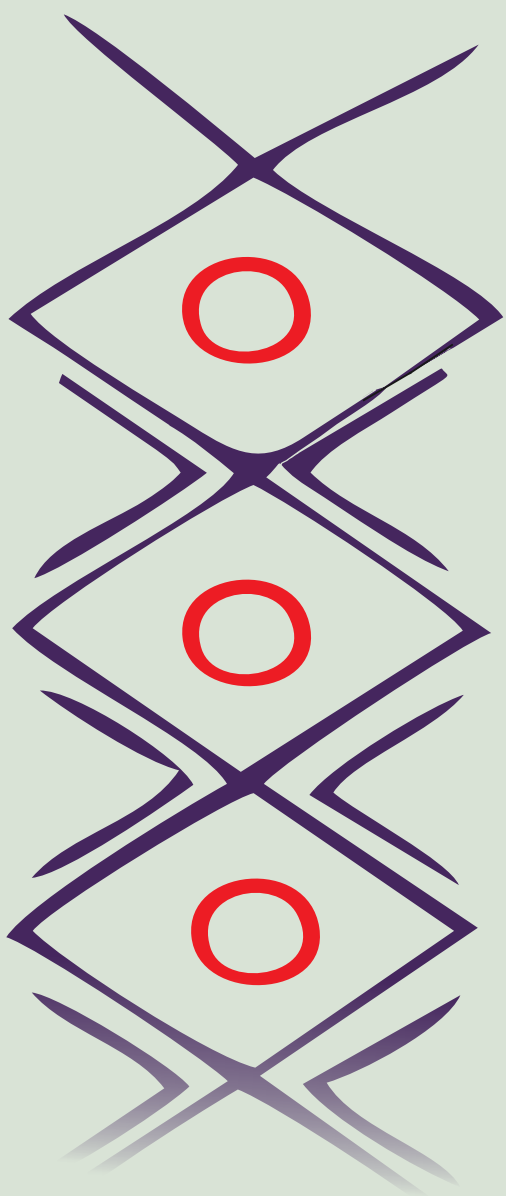


Fonte: Ana Claudia Sanches Baptista. Viva o SUS e a Ciência!



Fonte: Marcos Bernardino de Carvalho. Manifestação em 7 setembro de 2021, VD Sta Ifigênia, Centro, São Paulo, SP.

**Haja paciência** histórica **para os golpes** da vida, dos fascistas e dos insensatos! **Sem conclusões** definitivas. Apenas considere a possibilidade de socorrer-se na **literatura** que esperança, na **amizade** que produz estéticas da existência que respondem: e daí que eu me importo com os mortos e com os vivos! No mais experimente **respirar, resistir, reunir, reparar**. Repare e bote reparo. É no detalhe que a vida acontece.



## 3. Os bordados

---

**Para início, reverenciamos o mantra com que Paulo Freire confere ritmo à sua**

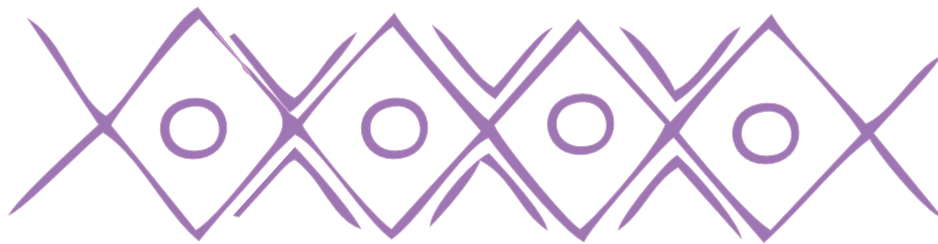
Nesse tópico apresentamos, na íntegra e na ordem que nos chegaram, a contribuição de cada participante (pessoa ou coletivo)

## Guilherme Silva Pires de Freitas

Sobre a primeira pergunta: a vida está corrida e cheia de incertezas, afinal em tempos de pandemia (e de governo genocida) estamos vivendo momentos delicados. Mas temos que seguir em frente. Quanto à pesquisa comecei o doutorado este semestre então ainda não pensei tanto na tese porque estou cursando as disciplinas, mas pretendo investir mais tempo nela no segundo semestre.

Referente à segunda pergunta, a indignação é grande devido ao descaso do governo em tudo que estamos passando, ao negacionismo e a falta de empatia de parte da população (incluindo amigos e familiares) que seguem suas vidas como se estivesse tudo bem. Infelizmente ainda tem muita gente que ainda apoia esse traste e temos que combater esse mal, evitando que se reeleja. Mas ao mesmo tempo vejo muita gente aguerrida e lutando por mudanças. E tenho certeza que vamos vencer essa primeira batalha em 2022 com um novo presidente democrata (seja ele quem for) e que trabalhe pelo bem do país.

Por fim a terceira pergunta eu tento fazer minha parte, participando de coletivos e grupos em prol de causas sociais e da democracia. Espero que através desses atos e também da minha pesquisa (inclusão social de refugiados) possa colaborar com um mundo melhor.



## Bianca Juliana Piazzetta Veiga

Está um caldo, tudo misturado: trabalho, estudo e casa, motivo pelo qual a pós também não está sendo tão produtiva fora das aulas. É nessa mesma mesa que passo todos os dias, nesse mesmo computador que serve para tudo, trabalhar, estudar, pagar contas e assistir filmes (porque foi o que sobrou como lazer...rsrsrs). Então a cabeça não muda o cenário e associa os estudos ao trabalho, não se renova, não se abre para outro momento. As aulas são pequenas ilhas de frescor dentro dessa kitnet, no meio do mar desse contexto de calamidade e desespero que vemos afundarem o país, são oásis de convivência (mesmo @s outr@s alun@s nem sabendo que eu existo...rsrsrs), de troca, de movimento (porque sinto renovação, percebo que apesar de todos os dias parecerem iguais nas aulas algo em mim sempre muda), e principalmente de esperança, ah isso com certeza...(até consigo me iludir pensando que o mundo é feito de pessoas com as que participam das disciplinas...rsrs).



## Rosana Barros dos Santos

Passados 15 meses da pandemia, minha revolta é saber que fui infectada pela Covid-19 faltando pouco tempo para tomar a primeira dose da vacina. Perceber que estamos sem direção e cada um que se cuide, se vire, é retrato do caos que a pandemia trouxe ou ao menos escancarou. Sentir na pele um familiar sendo internado é gritar por dentro e dizer "onde eu errei"? A culpa sempre acaba nos contagiando, por não estar preparada e por de repente compreender que ainda tive oportunidade de me distanciar, para cumprir a quarentena e para tantos outros, como fica a situação? A solidariedade vibra aos que sofrem por conta da Covid-19, e este sofrimento passa não somente pelo contágio físico, pela infecção, mas pela falta de trabalho, pela falta de perspectiva, pela descontinuidade da vida que aumenta a cada dia! Depois disso, a pergunta que fica: Por quanto tempo estou protegida? Para a maior parte da população brasileira, nem tempo de refletir existe. E o pós covid, quando será, ou este pós-covid já começou para muitos! A pesquisa acadêmica mesmo a passos curtos, surge como mecanismo de libertação! Com ajustes ali e acolá e como alimento de alma, os estudos avançam na medida em que somos convencidos a buscar autonomia. Só assim, como dizia Freire (1974), posso me libertar e de alguma forma contribuir para que novas transformações ocorram! Nos últimos meses o sentimento é de perceber que estamos num "barco a deriva", o país revela desigualdades em todas as frentes. A educação virou uma catástrofe, para alguns, uma revolução tecnológica, para tantos estudantes, principalmente do ensino básico, qual será sua memória? O que aprenderam com isso, será que aprenderam alguma coisa? Trazendo Paulo Freire para a pauta, não! Por experiência própria, a educação tem sido mecanizada, depositada e a pandemia contribuiu para isso! A humanização para a liberdade não tem prazo para acontecer, infelizmente. A reflexão continua sendo exercida a passos lentos, mas por algum instante ainda tenho esperança e como dizia Freire (1974);

"a possibilidade de admirar o mundo implica em estar não apenas nele, mas com ele; consiste em estar aberto ao mundo, captá-lo e compreendê-lo, é atuar de acordo com as suas finalidades a fim de transformá-lo". Não é simplesmente responder a estímulos, porém algo mais: é responder a desafios! (FREIRE, 1974).

FREIRE, Paulo. Uma educação para a liberdade. 3ªed. Textos marginais. Porto, 1974.



## André Felipe Simões

Como está minha vida? Na paz, no amor, na indignação, na esperança e na luta por um Brasil, uma América Latina e um mundo justo, fraterno e igualitário...



Fonte: André Felipe Simões

## Solange Borelli

Em geral, procuro viver o presente, mas sempre imaginando um futuro possível. Por mais que tento ser otimista, à cada dia se revelam mais e mais atrocidades desse governo genocida, ainda apoiado segundo as pesquisas por quase 30% da população brasileira. Tenho pensado muito em quem somos nós. Que nação é essa? E como conseguiremos reconstruir esse país pelo menos para os nossos descendentes? E, por conta disso, é que ainda exerço o verbo esperar...para continuar agindo, dentro ou fora da Universidade (pois ainda a Universidade tem seus muros, muitas vezes intransponíveis). São micro-políticas que fazem toda a diferença nessa macro-política. Desde uma conversa com o vizinho, com o caixa do supermercado, com o motorista de Uber. Entre nós, já não é necessário militar. Entre nós é necessário nos apoiar. Sobretudo perceber quem de nós está esmorecendo e nos aproximar. A minha revolução, embora vinculada ao país que nasci e moro, expande-se para um território bem maior. Para a nossa Abya-Yala. E nessa territorialidade orgânica...sim, orgânica, buscar respostas. Elas existem, às vezes estão escancaradas e a nossa miopia nos impede vê-las e entendê-las para também colocá-las em ação. No mais, não naturalizar esse teatro de horrores que por agora vivemos de modo autorizado. Resgatar e manter os afetos. Desenvolver e consolidar a Poética dos Afetos. É dessa poética que teremos a solução. Afetos, num sentido muito mais amplo do que esse que o senso comum impregnou em nossas experiências.

## Sidnei Raimundo

Eu mudei para um apartamento neste período de pandemia. Solução inadequada, pois perdi meu quintal. Agora, tenho feito caminhadas esporádicas em parques urbanos, perto de onde resido, para compensar. Sinto falta do contato com a natureza, que é pra mim algo caro e associado ao meu trabalho/pesquisa.

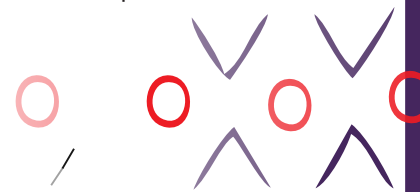
Minha pesquisa está parcialmente parada, pois há a impossibilidade de trabalhos de campo. Tenho dois projetos que coordeno, financiados pela FAPESP e CNPq, e tive que interrompê-los pois estavam pautados em atividades de campo. O projeto da FAPESP, que visa avaliar os serviços ecossistêmicos socioculturais em duas áreas protegidas do Vale do Paraíba (SP), estou retomando, com adaptações baseadas em roteiro de entrevistas online. Meus orientandos também estão reformulando seus projetos, priorizando atividades on line ou de pesquisa em banco digitais. Os campos ficarão para o próximo ano. Estou dando aulas online, desde março de 2020 e confesso que, apesar de algumas facilidades, não gosto desse formato. A interação professor x estudante é muito comprometida.

Mas tenho esperança, apesar deste ser que nos desgoverna no nível federal (o do estadual não é muito melhor, mas é assimilável), tenho esperança na vacinação e na volta a atividades presenciais ainda no final de 2021.

Minha contribuição nesse momento, diz respeito à avaliação de parques e outras áreas verdes como elementos de uma vida com qualidade. Tenho me empenhado nisso.

## Hugo Leonardo Silva Mansur

A vida está um caos, o isolamento tem ares de filme de terror, as notícias são terríveis. Uma apreensão continuada que esgota enormemente o cotidiano. A indignação chega a estar abalada, inclusive é um medo as sobreposições de indignações contínuas, medo de normalização. A esperança vem da possibilidade de ainda interagir através das aulas, do contato com colegas e professores, do desenvolvimento do curso, do semestre e dos preparativos para estabelecer os primeiros passos da pesquisa neste primeiro semestre de curso. A revolução tem sido dialógica, digital e personalizada.



## **Diane Boda**

Minha pós está um vai e vem, uma resistência em existir, com muita dificuldade. Minha esperança está no que faço, em achar que vou dar conta de com o que faço, transformar! E minha contribuição está em provar que dá certo! Que a universidade pode ser ocupada por quem não tem só essa demanda na vida!

## **Evandro Brandão Secco**

### **Pesquisa, esporte e lazer em tempos de pandemia**

Acredito que a pandemia acabou por revelar, ou melhor, escancarar ainda mais as desigualdades presentes em nosso país. Quando falamos em ciência, fica cada vez mais perceptível o descaso que algumas autoridades e lideranças nacionais revelam em suas falas e suas ações. Temos um país que ignora totalmente a importância da Educação, da tecnologia, do pensamento científico.

Quando falamos em esporte e lazer, tema da minha pesquisa, verificamos um abismo enorme entre o Esporte comercialmente viável, que possui recursos, investimentos, e até uma certa “imunidade” frente a pandemia, e o Esporte comunitário e educacional, totalmente abandonados e relegados a sorte daqueles que conseguem sobreviver a pandemia de Covid e pandemia da desigualdade e falta de oportunidades.

Para os jovens, as escolas fechadas, os locais de convivência e práticas esportivas também fechados, a rua acaba sendo a única alternativa, e nem sempre acolhe da maneira correta. Para os adultos e idosos, espaços de convivência, parques, locais para prática de atividade física também foram fechados, e o isolamento total tem deixado marcas e cicatrizes muito fortes na nossa população.

Penso que devemos pensar, reconhecer que erramos, que erramos muito, e que precisamos mudar. Precisamos compreender o quanto é preciso valorizar nosso ato político de votar e, principalmente, exercer nosso papel político, de participação, envolvimento, cobrança e atuação junto à comunidade em que estamos inseridos.

Temos que reconhecer que nosso país precisa de um novo rumo, um novo jeito de tratar as pessoas, respeitando as diferenças e particularidades, compreendendo a diversidade enquanto nossa riqueza e diferencial.

Mesmo sabendo que grande parte da nossa população ainda não tem acesso às condições básicas para a sobrevivência, tais como alimentação, moradia, saneamento e trabalho, reconhecer que o acesso ao esporte e ao lazer também são direitos sociais e devem ser efetivados, para todos!

Sabemos que o momento é muito difícil, mas também sabemos que temos o total poder para reverter esse quadro em nossas mãos, através do convencimento e do conhecimento. Que possamos disseminar palavras que despertem nosso povo para a necessidade urgência de mudança, para vencer o vírus da Covid, e principalmente, para exterminar o vírus da desigualdade, do preconceito e da discriminação.

## Simone Lima Azevedo

Vida, pesquisa, indignação e esperança se misturam com a vontade e a necessidade de descolonizar o pensamento na universidade. Vontade e necessidade que são individuais e pessoais, uma vez que sou uma pesquisadora negra cuja subjetividade é atravessada por questões raciais, de gênero e sociais, mas que também são coletivas, visto que, enquanto mulher negra, sou produto de uma ancestralidade resistente e sobrevivente e serei legado para as próximas gerações. Individualidade, subjetividade, coletividade e ancestralidade se mesclam nesse processo de produção do conhecimento a partir da perspectiva de quem foi, até então, silenciado pelo racismo estrutural. É um querer pessoal, mas é também um dever social. Isso porque o conhecimento e, em particular, a ciência, que é a forma de conhecimento que desenvolvemos na academia, não são neutros, posto que se movimentam nas lutas sociais e expressam visões de mundo. Mas não almejo inventar a roda. Já fizeram isso por mim. Conceição Evaristo, romancista, poeta e contista, inventou a roda viva da escrevivência para que eu possa me apropriar de seu movimento ancestral.

O conceito de escrevivência em Evaristo me arrebatou e me completa enquanto corpo negro, mulher, pesquisadora, escritora e acadêmica. Depois de conhecê-lo, não há como pensar em fazer pesquisa e produzir conhecimento sobre questão racial sem atravessar as minhas escrevivências, que são minhas, portanto, individuais e subjetivas, mas que também são coletivas e que atravessam outros corpos negros que, como o meu, ocupam a universidade, desejam ocupá-la e precisam ocupá-la. Resistimos!



## Alexandre da Silva

É notório o alcance e os impactos acometidos por populações em todas as partes do mundo a partir da propagação da COVID-19 numa escala pandêmica. Decerto o nível do alcance e o tamanho do impacto vai muito além da questão biológica do comportamento do vírus na interação com os seres humanos. Trata-se de uma questão que dialoga com a forma de ocupação dos diferentes territórios, suas ligações em rede, com a forma como as pessoas interagem socialmente e em como foram e são construídas e conduzidas políticas públicas considerando o embate de forças entre o caráter de proteção social e a salvaguarda de economias.

Não há possibilidade de alguém não ter sido afetado em algum grau pelas mudanças impelidas por este contexto, seja nas mudanças da rotina, nas pessoas que deixamos de encontrar e das quais nos despedimos, dos impactos econômicos, políticos, sociais, culturais, psicológicos, dentre tantos outros que poderiam ser citados, certamente houve algum grau de influência.

Ingressar, no ano de 2021, no mestrado de um programa de pós-graduação denominado Mudança Social e Participação Política foi no mínimo provocativo em termos da reflexão sobre consciência das mudanças sociais que enfrentamos ao longo do tempo, em especial quanto a mudança social compelida por uma participação política mais ativa na sociedade, cuja atualidade nos tem compelido ainda mais em termos de posicionamento e ação frente as indignações sucessivas a que somos expostos.

Pesquisar, enquanto ato científico, ganha corpo enquanto ato político, enquanto ação de um viver social em que têm-se, como dever, contribuir para o avanço do conhecimento. Todavia, mais do que isso, procurar alçar voz àqueles silenciados, me parece esforço necessário, a fim de inverter a lógica de uma produção científica modulada por modelos norteados para reforçar postulados mantenedores dos "dominantes". O ato de pesquisar, neste contexto e na atual conjuntura, revela-se um desafio bastante solitário, sem a presença na Universidade, sem as trocas que são potencializadas com maior força de maneira presencial, mas que são mantidas pelo esforço do conjunto na força transformadora da Educação, numa força de comprometimento para que, mesmo num contexto tão adverso, não haja esmorecimento. É nisso que me apego. É nisso que minha esperança se fortalece.

Pesquise aspectos da memória e das dinâmicas espaciais, a partir da população expropriada, hoje população do entorno do Parque Estadual da Serra do Mar - Núcleo Padre Dória (município de Salesópolis-SP), fazendo uso de cartografias sociais, de modo que seja possível alçar voz e força de representação espacial a essas populações que tiveram que realinhar seus usos e significados do espaço vivido a partir de uma série de mudanças sociais provocadas pelo Estado na consecução de políticas ambientais e, em especial, de abastecimento de água para a metrópole de São Paulo ao longo do século XX.

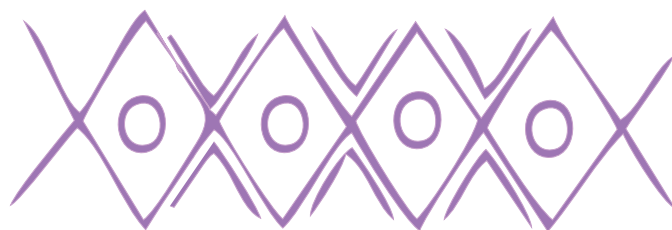
É um processo de pesquisa que me provoca pensar num questionamento do porquê diferentes grupos sociais têm diferentes escalas ao direito. De alguma maneira a população que foi expropriada teria menos direito ao seu espaço simbólico e de vida em prol daqueles com interesse no uso daquele espaço para abastecimento de outro espaço (dentre outros interesses). A maneira desigual pelo qual o direito social à saúde, ao lazer, a moradia, dentre tantos outros se expressam, hoje, são parte de uma política que é não aleatória, é uma escolha, e mesmo uma aparente não-escolha, ou não-escolha, são reveladores de posturas dos diferentes atores sociais envolvidos na esfera de decisão, consideradas suas influências e motivações.

Na escala da pandemia, no caso brasileiro, fica evidente que não há aleatoriedade das ações e das escolhas, assim como das não-ações e das não-escolhas. Neste sentido, a tessitura do poder da conjuntura atual e sua expressão no território, tem mobilizado ações e não-ações ocorridas frente à pandemia, sendo evidente a existência de um controle e de uma gestão, expressos na necropolítica adotada. Afinal sabe-se como a pandemia afeta desigualmente as diferentes classes sociais, assim como raça e gênero. Não desenvolver políticas que deem conta de garantir o direito social da saúde (assim como os outros que ficam fragilizados) desses atores é assumir a escolha de não os proteger, fundamentalmente é uma escolha que reflete os valores e os objetivos daqueles que hoje têm o poder nas mãos. Entendo que essa não aleatoriedade das escolhas se expresse também em outros campos, dentre os quais o que pesquiso.

E o que exatamente fazer com essas constatações? Como dar movimento no meu campo de pesquisa de modo a combater e ser combativo frente ao desenrolar dos fatos? Como manter a esperança? Como posso contribuir?

Sem dúvida é fazendo do meu ofício de pesquisa meu instrumento de mudança, mobilizando forças, alçando diferentes vozes. Em essência, o trabalho junto às populações do entorno do PESM, remonta a uma necessidade de combater as invisibilidades sociais. É buscar a reflexão a partir da experiência local e das emergências que se apresentam em um processo que associa a resistência com a re-existência, considerando a reinvenção das populações frente ao contexto histórico em que foram colocadas, assim como frente ao contexto atual. Transitar pelas invisibilidades, ausências e emergências é um estímulo na busca de alçar voz aos silenciados durante os processos de disputa pelo espaço e pelas diversas disputas que enfrentam, neste sentido valorizar seus discursos e suas maneiras de entender o espaço e produzir espaços se revelam com grande importância.

Se o fazer ciência não for calcado nessa mudança, sem dúvida, temos que mudar também a ciência!





## **Daiany Mayara de França Saldanha**

Não é nenhuma novidade que a pandemia de Covid-19 agravou desigualdades, violências e violações de direitos no Brasil.

E a situação poderia ser ainda mais grave se não fosse a atuação incansável das organizações da sociedade civil.

No mundo das ONGs, onde transito, milito e tiro meu sustento, semana a semana fomos testemunhas e agentes de um esperançar que tem superado o desespero, o desânimo, o desemprego e a fome.

Falo com muita segurança, as ONGs têm sido protagonistas do esperançar das/nas comunidades e têm sido primordiais no combate à fome no nosso país. Todas elas: ONGs pequenas, grandes, comunitárias, com vínculos empresariais, familiares, de todas as causas.

Não descansei um só dia desde o dia um da pandemia. Só com/através da minha “pequena” ONG em Fortaleza (pequena em porte financeiro, mas GIGANTE em valor social), levamos segurança alimentar para mais de 2.500 famílias, beneficiando mais de 12.000 pessoas de mais de 30 comunidades da Grande Fortaleza. Já no projeto de fortalecimento institucional de ONGs que atuo em São Paulo, levamos apoio técnico para 25 organizações e ofertamos treinamentos e mentorias para 441 trabalhadores sociais, isso só em 2020 (agora em 2021 estamos apoiando um novo grupo de vinte e cinco ONGs). Soma-se a isso, as inúmeras contribuições que dei ao portal do Impacta Nordeste e mais recentemente ao Portal do Impacto. Com este último, por exemplo, realizamos um curso de mobilização de recursos via whatsapp que movimentou mais de 1.300 pessoas de diversas partes do país, sendo esse o tema de maior preocupação nas organizações.

Dou esse relato única e exclusivamente para honrar e dar evidência ao trabalho das nossas ONGs. São milhares de pessoas envolvidas, muitas em “situação de vulnerabilidade”, como escutei de uma gestora social. Elas são as minhas fontes diárias de esperança.

A todas as trabalhadoras e trabalhadores das organizações da sociedade civil, todo a minha gratidão e respeito.

PS. Anexeí uma foto de uma das jovens atendidas pela minha ONG, o nome dela é Isadora e ela está segurando uma “plaquinha” com a palavra ESPERANÇA. A foto faz parte de uma campanha que fizemos no ano passado para pedir doações. Ela faz ainda mais sentido agora.



Fonte: Daiany Mayara de França Saldanha. Foto da Isadora, atendida pela ONG Instituto Esporte Mais, parte de uma campanha para arrecadar doações para a instituição. A plaquinha com a palavra ESPERANÇA faz ainda mais sentido agora.

## Rebeca Pacheco Laranjeira

As buscas sempre foram uma constante, mas a sensação é que a parada forçada aguçou inquietações pessoais de saber mais sobre os mundos interno e externo. A auto busca e tentativas de conhecer mais do mundo, identificar o tanto do mundo que há em mim e o tanto que me doou ao mundo tem sido um exercício diário. A busca pela gratidão até diante dos tantos desafios vividos é um dos maiores desses desafios, mas também é quando conseguimos entender que temos muito a agradecer, que, como diz o compositor Siba, da minha terra, "Cada vez que dou um passo, o mundo sai do lugar" e é nesse movimento que tenho encarado essa nova etapa: o mestrado. Tenho sorte por me encontrar em um programa tão acolhedor que torna a Academia palpável e acessível, acolhedora. A pesquisa tem fluído de diferentes maneiras e todas elas têm me feito enxergar novas possibilidades de caminho, na compreensão que educação e arte são ferramentas para mudar o mundo com amor. Hoje, uma das minhas maiores indignações é ver que muitas e muitos ainda vão na contramão da amorosidade, nutrindo o mundo de egoísmo. Porém, acredito que cada movimento natural, social, político, todos eles nos levam para a evolução e para o amor. Para isso, sigo buscando paz interior, paciência e olhar amoroso com o meu próximo e atenção à comunicação, acredito que se buscamos o cuidado e o carinho ao nos comunicarmos, evitamos desgastes e, através da palavra, da ação e do amor, podemos nos fortalecer.

## Marina Corazza Padovani

Queridas pessoas,

Muito emocionada recebi a proposta para esse novo Boletim Coletivo do ProMusPP na busca por articular os 10 anos do Programa, o centenário de Paulo Freire e a pandemia.

Sou educadora e artista, integrante do ECOAR – Estudos em Corpo e Arte com coordenação da Profa. Marília Velardi que é também minha orientadora. Graças às trocas com docentes e colegas do ProMusPP e do ECOAR, pude construir uma caminhada como mestranda deste programa priorizando o diálogo entre arte, educação e políticas públicas tal como tenho tecido minhas ações ao longo de 20 anos, ou seja, não precisei me despir de quem sou para fazer pesquisa na Universidade. Encontrei no ProMusPP a possibilidade de investigar criativamente e não separar arte, vida e Universidade. Então, vocês me perguntam:

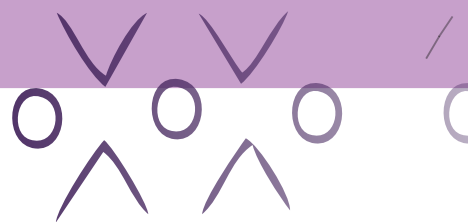
*- E aí, como está sua vida, sua pós, sua pesquisa? - E sua indignação? E sua esperança? - E nessa revolução 'esperançada', qual seria sua contribuição?*

São perguntas que me faço continuamente e que pautam escolhas o tempo todo. Assim, resolvi não "parar para responder a essas perguntas", mas compartilhar com vocês trechos da escrita em processo da minha dissertação já que minhas ações no mundo, as indignações e modos de esperar, e a formulação escrita (socialização) da dissertação são indivisíveis. Como dramaturga e escritora, tenho articulado a dissertação por meio de um experimento literário, do qual compartilho aqui com vocês dois pequenos trechos em processo.

Forte abraço, Marina Corazza

## Vinicius Felix da Silva

Bem, minha pesquisa ainda não "está" propriamente, pois ainda estou me recondicionando ao ritmo acadêmico com as disciplinas. A exceção da pandemia certamente impactou possibilidades de pesquisa em campo. Mas não foi suficiente para deter a revolta dos povos da América do Sul, abrindo margem para avanços até então inesperados na participação política. E, com ela, a margem de minhas esperanças, inclusive para minha pequena contribuição, até o momento resumida ao papel de cronista e analista desses episódios.



## Emerson Moreira Gonçalves

A minha vida, pós e pesquisa está caminhando na conexão com formas e estratégias de superação deste momento tão delicado e difícil. Pesquisar tem ampliado meu repertório e me levando ao um lugar gigante para combater tantas desigualdades sociais. Percebo que esse combate, no lugar que ocupo precisa ser estratégico e restaurativo. Usando premissas de uma Comunicação Não Violenta mas que atinja as necessidades de outres e principalmente a emancipação dos direitos sociais.

Fonte: Emerson Moreira Gonçalves. Formação com estagiários da Prefeitura de Suzano SP - Círculo Restaurativo sobre Educação em Direitos Humanos.



## Simone de Goes Costa

Com o momento que estamos passando, minha pesquisa precisou de uma pausa, segui o provérbio africano: "Caranguejo se esconde para a água passar." E a pausa ajudou a digerir minimamente o caos e reestruturar alguns caminhos.

É humanamente impossível não sentir os efeitos da pandemia, e acho um desrespeito seguirmos nessa lógica neoliberal de produtividade quando tudo pede um outro ritmo.

Estamos vivendo um luto coletivo, e me preocupa muito quem está normalizando a situação sem elaborar esse luto, sem sentir essa dor e fazer as reflexões necessárias. Essa é uma estratégia do capitalismo que nos faz ignorar quem somos, o que sentimos, o que gostamos, queremos etc., para trabalhar e servir ao capital com frases de efeito como: "Trabalhe enquanto eles dormem."

Está difícil buscar forças e sentir os poucos momentos de leveza e alegria sem culpa, pois a sensação que eu tenho é que estamos seguindo, mas pisando em corpos, como se nada estivesse acontecendo, com a justificativa de que não podemos parar e a vida precisa seguir. Acredito que o momento seja o mais propício para solidariedade, onde devemos nos apoiar, ficar próximos das pessoas, estar presente, porém sem atrapalhar a dor que cada um sente.

A morte é um caminho natural da vida, o que nos deixa desconsolados é que muitos e muitas anteciparam sua passagem principalmente por negligência de quem deveria zelar pela nação, por isso agora, minha maior esperança está na vacina para todas e todos, pois sei que um dia todos nós iremos morrer, mas todos os outros dias não, e isso ressignifica o substantivo luto em verbo: lutar! Uma obrigação de quem por aqui fica e resiste.

## Ana Claudia Sanches Baptista

Após mais de 400 dias de pandemia e mais de 600 mil mortos em nosso país, eu ainda tento manter minha esperança viva apesar de tanta tristeza e indignação! Minha pesquisa está um pouco parada e confusa, assim como toda minha vida. Tanta coisa aconteceu desde março de 2020, parece que vivi 5 anos em 1. Tudo muito intenso, doloroso e revoltante. Vi amigos morrerem, ou melhor, nem pude vê-los partir, eu apenas soube das mortes. Vi e ainda vejo colegas adoecendo pelo stress, ansiedade e dor causados por essa pandemia de COVID-19. Eu nunca imaginei ver nosso povo passando por tanto desespero, na verdade em 2020 eu fiz tantos planos, achei que seria o melhor ano da minha vida, mudei pra São Paulo, casei, comecei o doutorado, me inscrevi no pilates e estava vivendo a vida que eu queria viver do jeito que eu sempre sonhei! Que "doce" engano! rsrs

Bom, muita coisa mudou e cá estou lidando com a ansiedade, separação, mudança de cidade, perdas e tantas dores! Mas, tenho pensado que esses momentos também nos formam como ser humano, sem dúvidas eu aprendi muito nesse último ano, principalmente o significado de coletividade e que juntos podemos ser mais fortes e ir mais longe! Sem os grupos que eu me juntei, eu não sei o que seria de mim. Hoje penso que estou aprendendo o significado de limites, de cuidado e de empatia. Agradeço a terapia, meus grupos, colegas, professorxs e ativistas por me ensinarem tanto. Tenho tentado me cuidar para poder ajudar aqueles ao meu redor. Estou nas lutas contra todo e qualquer retrocesso do nosso governo e colaborando com a construção de novos pensamentos e ações!

Bom, a imagem que envio em anexo, é a imagem que representa a minha esperança e a minha fé! Fé na ciência, fé na humanidade e em todas as forças espirituais que nos guiam!

Salve Oxum, Exu e Xangô!

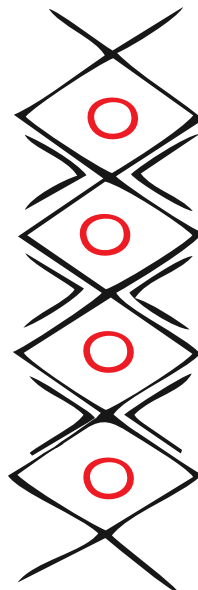
Glória a Deus, Deusas e todos os Deuses!

Viva o SUS e a Ciência que nos guia e nos protege!

Finalmente hoje dia 19/07/2021 eu fui vacinada e renovei minha dose de esperança em gotas da vacina Pfizer. (Sim, estou passada!) Chorei muito de emoção, por todas as pessoas que perderam suas vidas pra uma doença que já tem vacina e por tudo que fomos impedidos de viver!

Por isso, eu desejo que possamos todxs ter vacina no braço, comida no prato e saúde pra derrotar o fascismo!

Sigamos!



Fonte: Ana Claudia Sanches Baptista. Viva o SUS e a Ciência!







**Eliane de Souza Almeida**

## **Desaguares pandêmicos: o colo que me abriga é o colo de minha filha**

Cinco horas da manhã. A noite ainda se faz presente apesar de os passarinhos já cantarem na janela do quarto. Olho para o meu lado e lá está a aventura que mais gosto de ter. Minha Victoria, de 8 anos, esparramada no colchão de casal que toma conta do chão do quarto. Levanto pé ante pé para não acordá-la. Se ela abrir os olhos, acaba toda minha possibilidade de iniciar meu trabalho.

No chão da sala, sobre dois colchões de solteiro, dorme Isabella, minha filha mais velha, 26 anos. Ela cedeu seu quarto para nos abrigar nesses tempos de isolamento. Vim me abrigar na casa de minha mãe por medo de me contagiar com o Covid-19 ou talvez por premonição mesmo. Moro com meu irmão mais novo e ele trabalha como promotor de vendas em supermercados. Serviço essencial. E ele se contagiou. Positivou o exame. 14 dias em casa e apesar de sintomático, teve que voltar a trabalhar. O capitalismo não dá ao homem negro e pobre a possibilidade do restabelecimento, nem do isolamento.

Vou para a cozinha fazer meu café bem forte para acordar. O cheiro invade a cozinha e me dá a real sensação de que o dia está de fato em seu início. Leitura, preparação para o programa de jornalismo que estou amando fazer. Feliz até às nove e meia da manhã, quando o jornal acaba. E lá vem minha pequena perguntando: Como foi seu sono, mamãe? E o programa? E é o sorriso dela a luz que ilumina, de fato, o dia.

Além de mãe e jornalista, estou iniciando um novo doutorado. O outro não pude defender. Mas essa é uma outra história. E essa tem sido a mais árdua de minhas tarefas. O tempo rareou num momento em que teoricamente teríamos tempo de sobra.

Gostaria de saber quem, nesses tempos de pandemia, tem dado conta de tantas tarefas. Pelo menos o universo das mulheres, e especificamente das mulheres negras, de onde falo, o tempo tem sido escasso. Mãe solo de duas, me desdubro para buscar dar conta de todas as demandas. Não dou. E parei de sofrer com isso.

Dizem que mulheres negras são mais fortes. Não sou. Não quero ser forte. Quero colo. Estar todo o tempo em casa, nos exige demais. Casa, trabalho, pais idosos, criança em idade escolar e com aulas online, estudo. Mas também penso nas mães negras que como meu irmão não podem se dar ao luxo de ficar em casa durante a pandemia. Deixam seus filhos em casa sem saber se a violência, vírus social, vai atingi-lo. Ou os leva para o trabalho crendo no seu superpoder de mãe preta. E eles caem do nono andar.

Não há proteção possível... Certos vírus estarão sempre à espreita. A violência, a doença, a fome. Não há proteção nas paredes da casa. O ar pode te envenenar.

Criança em casa fazendo zuada, uma energia que não se acaba e que não se gasta. E as mães buscando formas de mantê-las felizes e sentindo-se amadas. Certa noite Victoria chorou. Chorou muito. Saudades do pai que mora no Caribe, do avô que morreu, dos amigos da escola, do cachorrinho que sonha ter. Ela chorou. Desagouou em sua dor infantil. E eu desaguei com ela, numa tentativa de ser colo mas também de buscar naquele abraço a força que preciso para continuar a caminhada.

\*Eliane Almeida é doutoranda em Mudança Social e Participação Política na EACH/USP, jornalista, mãe solo de Isabella (26) e Victoria (8), ativista da Marcha de Mulheres Negras de São Paulo e da Rede Antirracista Quilombação.

Minha vida se entrelaçou com minha pesquisa. E eu? Fiquei indignada, precisei lembrar de admirar e laçar a esperança de volta, sobre um dos temas que mais "me amarro".

O coração da pesquisa é sobre redes, pessoas e sentido. E nesta obra "Em rede", consegui desatar alguns nós de escrita, entre arte e verdade, mudando a forma para reatar com as palavras, traduzir este momento em poesia e assim voltar a produzir. (Relatos de uma pesquisadora)

### **Em rede**

Rede.  
Que tece,  
Que é tecida,  
Que redescobre e cobre:  
As redes.

Mais do que nunca, me sinto.  
Exausta da rede invisível.  
A que tem sido janela,  
Sendo unicamente ela,  
Para me conectar com outros mundos.

E nessa caminhada, estive exausta.  
Exausta de atuar por todos, ainda que  
isto me recarregue.  
Exausta de dizer, de ver, alertar.  
Mas pela necessidade de ser, de viver e  
esperançar.

Animar? Há-há-ha, quase impossível  
para quem carrega isto no DNA.  
Animar, lar, mar,  
Tudo o que eu quero e preciso.  
Mas a trava,  
Acorda,  
A corda  
e o nó na garganta,  
Foram mais fortes.

Minha vida desacelerou,  
Mas a mente não.  
Minha pós se valorizou,  
Mas a escrita não.  
Minha pesquisa sentiu minha falta,

E minha falta de mim,  
Sentiu o peso da pesquisa.

Mas sim, há esperança.  
E ela que traz gotas de calma  
no meu mar de indignação.  
E são, e vão, em vão?

Haja revolução!  
Que começa em mim, aqui dentro.  
Quando de animadora,  
Entusiasta,  
Inspiração - fora e dentro,  
Sinto o peso do pensamento.  
Do saber,  
Do ser,  
Do querer,  
E do sempre resolver.  
Já dizia Paulo Freire  
"Ninguém educa ninguém..."  
Eduquei.  
E no lar, no mar, no ar,  
Busquei o fio que faltava  
para voltar a tecer,  
A ler e escrever  
Sobre ser "esperançada",  
Sobre ser e viver.

Sobre as costuras,  
Sobre os nós,  
Sobre nós.  
Sobre redes.



"Senhoras e senhores!" Um minuto da sua **atenção...**

Já faz bastante tempo que temas relativos à exclusão e inclusão social estampam manchetes de jornais, páginas policiais, pesquisas de opinião, pesquisas acadêmicas, eventos filantrópicos, discursos políticos, séries e novelas, entre tantos outros **espaços** e linguagens de **comunicação**.

A questão é: como essas situações são retratadas? Qual a **construção do discurso** por trás da divulgação dessa **marginalização**? Quais são os emissores desses discursos? Quem é o marginalizado?

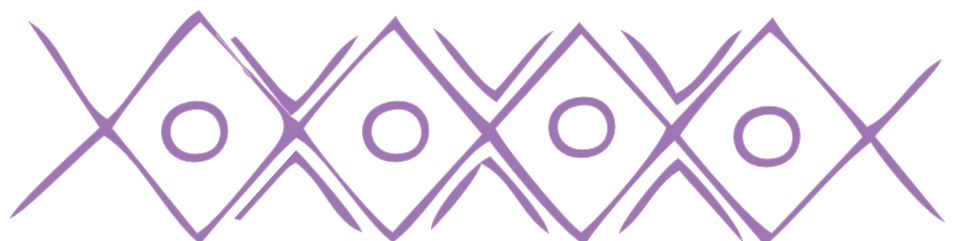
Fazer o exercício de responder a essas perguntas ajuda a compreender melhor a **sociedade** em que vivemos...

Cansei de ouvir discursos rasos, chamando o **preto** pobre, o nordestino, o favelado, o "**viado**", a "**sapatão**", a "**gorda**" e tantas outras pessoas que são socialmente REPRIMIDAS, de vitimistas. Afinal, quem produz o "**vitimismo**"?

Sabe aquela história de culpar a **vítima**? Então, é isso aí. Estamos em uma estrutura social que sim, reprime e suprime as **minorias**, produzindo sim "vítimas". Já pensou sobre isso? Quem romantiza os discursos meritocráticos e de superação, não são os marginalizados... Quem se coloca na situação de violência, não é a **mulher**... Quem naturalizou o **racismo** não foi o preto, o **judeu** ou o **indígena**... Quem padronizou os espaços não foi a **pessoa com deficiência**... Quem se coloca na situação de pobreza não é o **pobre**...

"Não se pode contrapor abstratamente o espetáculo à atividade social efetiva; este desdobramento está ele próprio desdobrado. [...] A realidade objetiva está presente nos dois lados. O alvo é passar para o lado oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo no real. Esta alienação recíproca é a essência e o sustento da sociedade existente." (Guy Debord em "A sociedade do espetáculo", 1967).

Estamos assistindo a um grande teatro, dessa chamada **sociedade do espetáculo**, enquanto as minorias vociferam suas **mazelas**, abafadas pelos discursos de outrem...



## Elizabete Franco Cruz

### Resumo

Introdução: 600 mil mortos. E daí? Epistemologia indígena nada hegemônica: humanos "se acham", planeta responde. Justificativa: Vida. Vida é justificativa? Problema: Tem vida porque tem democracia ou tem democracia porque tem vida? Tostines. Vida estabelece relações com a democracia? Para que uma "humanidade"? Objetivos: Respirar, sobreviver. Democracia. Justiça social. Liberdade. Projeto de felicidade (cabe?) Capítulo 1 - Brasil entre o genocídio e a banalização do mal. Capítulo 2 - Mudança Social e Participação Política. Procedimentos metodológicos etnografia da tragédia com escrevivência do tempo histórico da barbárie. Campo diário de registro da dor. E da luta. Considerações finais - Haja paciência histórica para os golpes da vida, dos fascistas e dos insensatos! Sem conclusões definitivas. Apenas considere a possibilidade de socorrer-se na literatura que esperança, na amizade que produz estéticas da existência que respondem: e daí que eu me importo com os mortos e com os vivos! No mais experimente respirar, resistir, reunir, reparar. Repare e bote reparo. É no detalhe que a vida acontece.

## Marcos Bernardino de Carvalho



Fonte: Marcos Bernardino de Carvalho

Fonte: Marcos Bernardino de Carvalho.  
Manifestação em 7 setembro de 2021, VD Sta Ifigênia, Centro, São Paulo, SP.





## Saudades do Gonzaguinha!

De não ter a vergonha de ser...

um eterno aprendiz...

Fonte: Marcos Bernardino de Carvalho. Manifestação em 7 setembro de 2021, VD Sta Ifigênia, Centro, São Paulo, SP.



Fonte: Marcos Bernardino de Carvalho. Paulo Freire na 34ª Bienal de São Paulo.



Fonte: Marcos Bernardino de Carvalho. Paulo Freire na 34ª Bienal de São Paulo.





**Resistindo como Helenira “Preta” Rezende:  
Pandemia da COVID-19 e o movimento estudantil da pós-graduação da USP**

**Tais Rodrigues Tesser, Rafael Rodrigo da Silva Pimentel, Ingrid Merllin Batista de Souza, Henrique Araujo Aragusuku, Laísa de Assis Batista, Amanda Caroline Harumy Oliveira, Raquel Melo de Oliveira, Cristiano Addario de Abreu**

Quem poderia prever que nos depararíamos com uma pandemia como a da COVID-19, que está assolando a humanidade desde o início de 2020. Como em todas as áreas, no campo acadêmico houve interrupções e reconfigurações das formas de ensinar e pesquisar. Os encontros e trocas passaram a ocorrer na frente de uma tela de computador, onde a impessoalidade é característica marcante. Com a sindemia (resultado da pandemia num determinado contexto sócio-político-econômico), a vivência na pós-graduação se tornou ainda mais desafiadora, solitária e incerta. Assim como em outras esferas sociais, as desigualdades pelas quais pós-graduandas/es/os estão submetidas/es/os se intensificaram durante este período. Foram diversas situações que chegaram até nós, como discentes passando por dificuldades de moradia, alimentação, acesso a ferramentas essenciais aos estudos, dificuldades no desenvolvimento das pesquisas e adversidades referentes à saúde mental, que foi extremamente abalada pelo contexto de isolamento e instabilidades. O medo e a incerteza no desenvolvimento das pesquisas e atividades tomaram conta de milhares de pós-graduandas/es/os.

Conjuntamente, todo esse cenário foi perpassado por muita revolta, pois o governo federal, que deveria fornecer subsídios à pesquisa, escolheu estrategicamente esse momento para a implantação de cortes e desmontes ainda mais profundos. Nos vimos diante da preocupação em contrair a COVID-19 e adoecer, tivemos trabalhos prejudicados pela pandemia e vivenciamos situações de desamparo financeiro. Neste cenário de imensos desafios, a atuação dos movimentos estudantis se intensificou, fato também observado na Associação de Pós-graduandas/es/os Helenira “Preta” Rezende da Universidade de São Paulo (APG USP Capital). Este processo de mobilização decorre de um esforço coletivo e permanente. Nos adaptamos às reuniões virtuais sem mesmo nos conhecermos pessoalmente, e com muitas dificuldades geradas pelo isolamento. Trabalhamos em um ritmo acelerado de ações em prol da representatividade das/es/os pós-graduandas/es/os, e também na manutenção de direitos adquiridos e que frequentemente são ameaçados, além da conquista de melhorias na vivência acadêmica.

Aprendemos a compartilhar experiências entre as demais associações de pós-graduandas/es/os de outros campi da USP, no mesmo sentido de fortalecermos as representações discentes nos conselhos centrais da universidade, bem como em manifestos, protestos, e eventos com a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP. Essa partilha resultou no autoconhecimento da discência de pós como classe política, a melhor pílula de mobilização que se podia esperar. De posse desse “poder”, nossa voz institucional junto à USP cresceu e ultrapassou a capital de SP através de uma ampla rede de colaboração e solidariedade.

No começo da pandemia, falar de prazos em meio ao caos e sem saber quanto tempo precisaríamos para concluir nossas pesquisas foi uma das principais angústias relatadas por pós-graduandas/es/os, cujo sustento muitas vezes depende de bolsas de estudo. A APG se mobilizou imediatamente pela revisão dos prazos para depósito de teses, dissertações e outros exames, necessidade reconhecida pela PRPG e pelo Conselho de Pós-Graduação (CoPGr) da USP. Neste sentido, a concessão de prorrogação de prazos de 360 a 720 dias trouxe dignidade para que pesquisadoras/es/os de pós-graduação possam readequar suas rotinas. Ainda assim, a prorrogação dos prazos não é garantia de permanência, uma vez que não houve acompanhamento compatível na extensão das bolsas de fomento, uma batalha ainda em luta. .

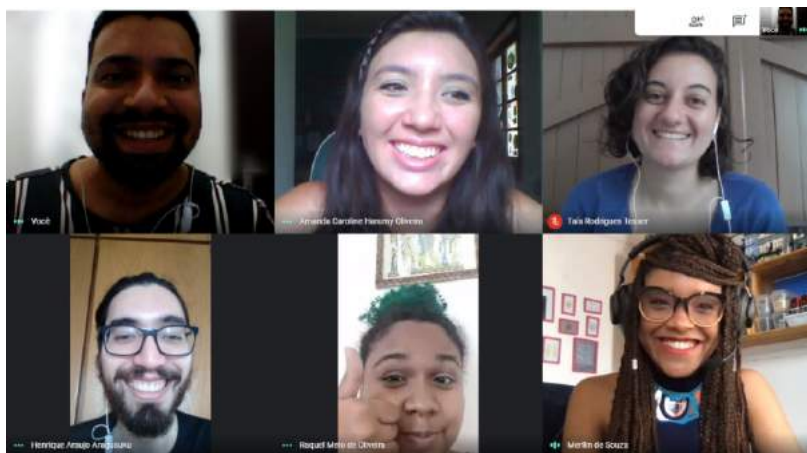
Mergulhamos em ações para construção de políticas de parentalidade na universidade, e principalmente para a valorização e suporte às pós-graduandas mães. O Programa PAE Pesquisa -

doras Mães é o primeiro neste contexto que dedica bolsas exclusivamente para mulheres universitárias que acumulam o trabalho de cuidadora. Os editais são vitórias da APG USP Capital, de todos os coletivos de mães da universidade, da Rede Não Cala USP, do Movimento Parent In Science, das assistentes sociais, das colegas que nos auxiliaram, do movimento estudantil, de todas as pós-graduandas, das funcionárias e docentes, pois quando avançamos na luta por igualdade, avançam todas as mulheres e toda a sociedade.

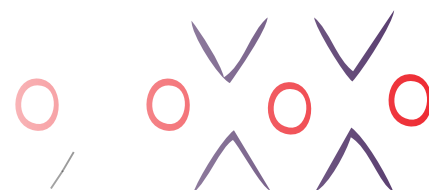
Outra batalha são as melhorias no Conjunto Residencial da USP (CRUSP), localizado na Cidade Universitária: reuniões, assembleias, cartas, visitas, muita mobilização e pouca resolução efetiva da universidade. Persistem ainda no CRUSP uma diversidade de problemas estruturais que não são tratados com a seriedade e a urgência requerida, a despeito das inúmeras demandas apresentadas pelo movimento estudantil. A reforma de um dos blocos, há pouco anunciada, segue inadvertidamente, sem a real abertura ao diálogo com as/es/os mais interessadas/es/os, aquelas/es que fazem desse espaço sua morada.

A gestão “Nossa Voz na Pós” foi eleita no segundo semestre de 2019 e contempla sua reta final de mandato, também estendido por conta da pandemia. Completados um ano e seis meses desde o início da adoção de medidas emergenciais e de prevenção de contágio pela COVID-19, cá estamos, em luto e lutando.

Assim como a estudante uspiana Helenira Rezende, exemplo de resistência, que dá nome à APG USP Capital, seguimos nos articulando e posicionando contra o desgoverno ao qual estamos submetidas/es/os, contra uma sociedade elitista, meritocrática, desigual, racista, machista, LGBTQIA+fóbica. Seguimos na construção de uma universidade de qualidade, pública e para todas/es/os. E reforçamos o convite a todas, todos e todes que queiram somar nessa transformação.



Fonte: Associação dxs Pós-graduandxs Helenira “Preta” Rezende | APG USP Capital. Encontros virtuais da gestão.



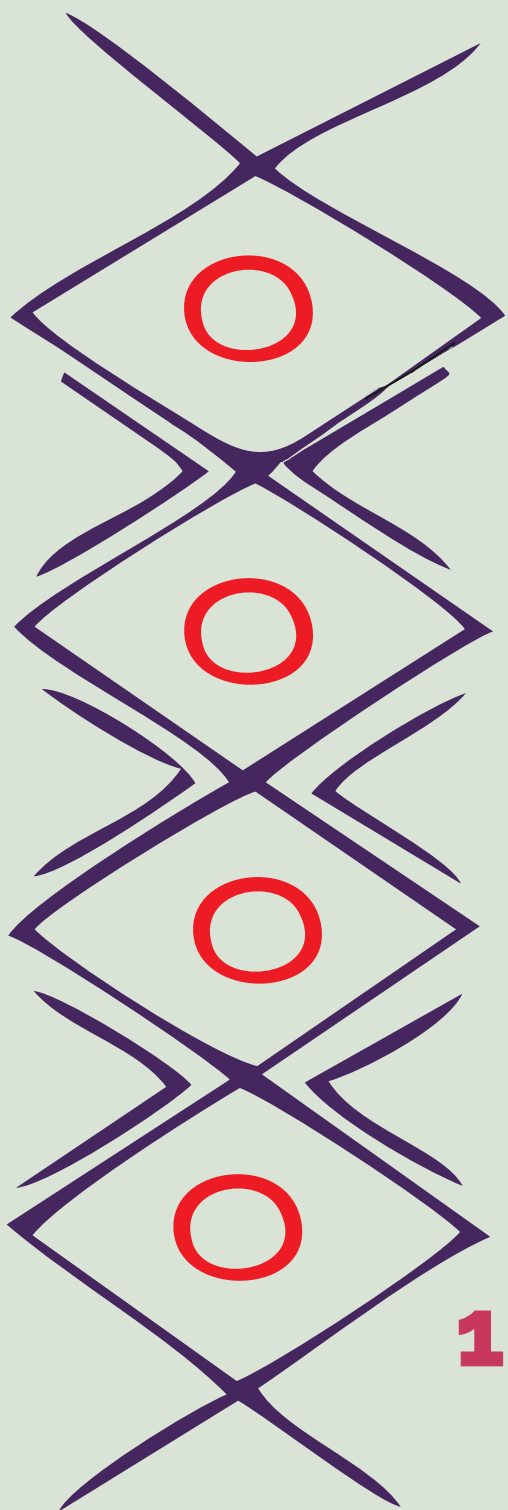
Fonte: Associação dxs Pós-graduandxs Helenira “Preta” Rezende | APG USP Capital. Encontros virtuais da gestão.

**INKER-Instituto União Keralux**  
**Adriana Poveda**

A pandemia está sendo difícil para muitas pessoas, e no Jd. Keralux não poderia ser diferente. Tivemos muitas perdas, o pânico no começo, a incredulidade de alguns, mas fizemos o nosso melhor.

O INKER participou ativamente de entrega de cestas básicas, materiais de limpeza, máscaras, criamos grupo de emprego, apoiamos e divulgamos o comércio local. Orientamos, acolhemos, entristecemos, mas acima de tudo conseguimos novos voluntários, novos amigos, novos apoios. Para nós foram mudanças grandes, perdas grandes, mas nos unimos mais, olhamos mais uns para os outros. Tenho certeza que nada voltará como era antes, contudo podemos tirar o melhor destes tempos tão tristes e saber que existem pessoas pensando em como estamos vivendo, em como nos ajudar, isso nos fortalece cada vez mais. Gratidão eterna a todos os amigos, parceiros e voluntários.





## 4. ProMuSPP

---

**10 anos nas trilhas da  
MUDANÇA SOCIAL  
e da  
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA**

# ProMuSPP: 10 anos nos caminhos da mudança social e da participação política.

A Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo- EACH/USP foi implantada na zona leste da cidade de São Paulo como resultado da luta dos movimentos sociais que reivindicavam maior acesso da população da região ao ensino superior gratuito e de qualidade. Uma das lideranças desse movimento foi o saudoso Padre Ticão, figura ímpar que perdemos ao longo dos meses da pandemia.

Inaugurada com dez cursos de graduação, a USP Leste, como é carinhosamente chamada pelos que valorizam os ventos do leste e das periferias, foi se consolidando aos poucos e enfrentando desafios de ordens diversas, desde a falta de docentes, funcionários(as/es) e infraestrutura até o desconhecimento dos novos cursos e o mal disfarçado preconceito social dos que denominam USP leste como uma universidade localizada às margens do centro, do circuito tido como nobre e consolidado. Falta para alguns a pergunta: quem inventou o centro? E quem precisa do centro?

Uma marca dos anos iniciais foi o engajamento e a garra das pessoas para que a EACH se consolidasse, de fato, como uma unidade de qualidade. Tudo estava em construção, demandando trabalho, persistência e desenho e ajustes de propostas. Cinco anos após a consolidação da graduação teve início a construção dos programas de pós-graduação.

Novos desafios se apresentavam: como criar programas de pós-graduação interdisciplinares? Como criar programas de pós-graduação com poucos professores(as) e sobrecarga de aulas em graduação e pós-graduação além da pesquisa, extensão e administração da Escola?

Neste cenário, em 2011 construímos o ProMuSPP Programa de Mudança Social e Participação Política. Longo trabalho de agregar pessoas, desenhar propostas, aguardar pareceristas, aprovações e dar início aos trabalhos.

Ao longo dos anos muitas travessias, encontros e desencontros, novas perspectivas, investimento e trabalho pesado na construção do doutorado. Seguimos nas trilhas das dificuldades com bolsas, pressões da CAPES, sucupira corroendo a alma.

E no caminho tivemos ainda, coletivamente, o enfrentamento de um crime ambiental com deposição de 3.000 caminhões de terra contaminada, interdição de 7 meses e inflexão nos modos de ver e sentir a Escola, colocada em cima de um bolsão de metano sem que medidas ambientais adequadas tivessem sido tomadas.

Ou seja, dez anos de muita história, desafios, de muitos trabalhos com temas candentes, pesquisas importantes para a sociedade e de processos formativos de mestres(as) e doutores(as) que seguem contribuindo com a pesquisa do país, com a formação de pessoas e inseridos(as/es) em diferentes contextos contribuem para processos de mudança social.

Nossa construção e consolidação segue junto com a EACH, que hoje possui 11 cursos de graduação, 11 cursos de pós-graduação. Nós fazemos parte dessa história! Nosso Programa tem um balanço promissor: começamos em 2011 com o mestrado e em 2018 implantamos o doutorado; contamos com muitas publicações individuais de docentes e estudantes, uma revista criada em 2020, 5 livros coletivos, 138 dissertações. Ao longo dos anos atendemos 309 alunos(as/es) e no momento estamos com um grupo de 30 docentes, 256 estudantes de mestrado e 53 estudantes de doutorado.

No trajeto temos buscado nosso aperfeiçoamento. Chegamos à propositura de cotas em 2020 e estamos aprendendo com elas. Festejamos a presença de mais pessoas negras no Programa,

mas sabemos que precisamos avançar, esperamos mais pessoas trans, pessoas com deficiência, refugiados(as/es), estrangeiros(as/es), moradores(as) das periferias, especialmente da zona leste.

Quem está neste percurso sabe que não foi fácil, pois não é fácil criar e sobreviver às intempéries de diferentes dimensões. Tropeços, desacertos, desilusões fizeram parte do caminho. Contudo, a potência também nos acompanhou e pudemos não somente sobreviver como também tecer um conjunto de iniciativas cotidianas que foram e são muito importantes, conforme destacam os(as/es) funcionários(as/es) Tiago e Vanessa

Em primeiro lugar, parabéns ao ProMuSPP. Para nós da secretaria é gratificante olhar, dez anos depois, a trajetória do programa e constatar o quanto ele cresceu. E não apenas no que diz respeito ao número de alunos e de orientadores, ou ao fato de ter sido o primeiro programa de Pós-graduação da EACH a conquistar a nota 4 da CAPES, mas sim porque fez tudo isso ampliando os horizontes acadêmicos. Quer dizer, em boa parte dessa trajetória nós funcionários tivemos voz e espaço para participar das ações do programa. O mesmo vale para os estudantes, sempre convidados a participarem ativamente das decisões pelas quais o programa foi e continua se construindo. Isso não é pouco se pensarmos nas limitações e restrições aos processos efetivamente democráticos no interior da estrutura universitária, sobretudo na USP. Por falar nisso, é também, pelo menos na EACH, o primeiro programa a discutir, refletir e adotar as políticas afirmativas na pós-graduação. Em síntese, o que mais gostamos nessa trajetória é que o ProMuSPP prova ser possível estabelecer bom nível científico-acadêmico, ao mesmo tempo que promove e valoriza outras práticas e saberes muitas vezes negligenciados pela universidade. Na verdade, é justamente isso que o torna um bom programa, do nosso ponto de vista. Sucesso e vida longa ao ProMuSPP!

Além de um compromisso profissional, há também em nós a motivação dos sonhos engendrados no trabalho. O mote da nossa escola *EACH é interdisciplinar, transformadora, inovadora e plural*. A evocação já é um passo, contudo estamos trabalhando para que o dia a dia corresponda ao enunciado e que nossa aspiração de mudança social e participação política, que encontrou solo fértil nos campos contaminados da EACH, continue na brotação de trabalhos que sejam inspiração teórico-prática para uma sociedade que dista da equidade e precisa tecer novamente compromissos e laços com a democracia e novas formas de ser, estar e viver na sociedade. Essa característica é destacada por docentes:

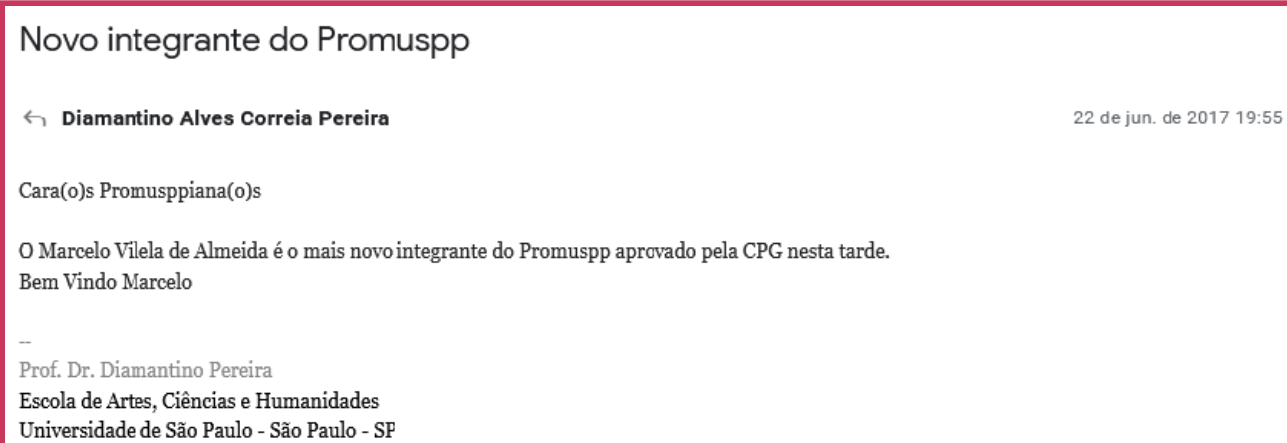
Uma equipe docente interdisciplinar, formando excelentes quadros. Onde pude aprender e ensinar sobre inclusão social e as resistências e enfrentamentos ao status quo no qual a sociedade atual está apoiada. Um programa com pessoas ativas e combativas, militantes e pesquisadores, que sabem relacionar a práxis e onde aprendi a re-significar e entender melhor a "doxa". Parabéns a todes que contribuíram para que este programa seja uma referência no campo interdisciplinar das ciências humanas. (Sidnei Raimundo)

Direito à liberdade de ser, estar, fazer e acontecer. Discutir e debater sobre temas complexos, em diferentes linguagens, em ambiente transdisciplinar. Respeito às ideias divergentes. (Roseli Inbernon)

Este percurso marca uma trajetória coletiva e também é significativo para cada docente, tatuando experiências no percurso individual, nos projetos acadêmicos e de vida, conforme podemos observar no relato do professor que guarda na memória e na caixa de email a data de ingresso no programa:

Para mim, o ProMuSPP é um dos espaços em que sou mais feliz na universidade. É um espaço de potência, de esperança, de desafios, de aprendizagens, de realizações e de conquistas! Vida longa ao ProMuSPP!

PS: segue o e-mail pelo qual fui comunicado de meu credenciamento junto ao ProMuSPP - eu estava em um congresso na Costa Rica e fiquei muito feliz ao ler o e-mail naquele dia, que acabou ficando marcado na minha memória!



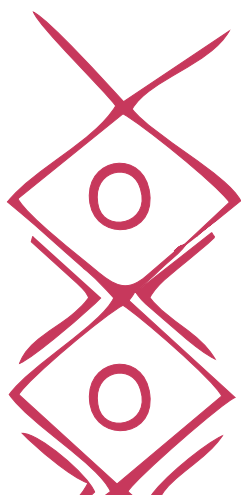
Fonte: Marcelo Vilela de Almeida. E-mail com comunicado de credenciamento junto ao ProMuSPP.

O papel do Programa no contexto da EACH e da pós-graduação brasileira também é digno de nota, tanto na visão de docentes como dos(as/es) funcionários(as/es) que trabalham no programa.

Os 10 anos do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política - EACH/USP significam muitíssimo para mim, afinal, o ProMusPP, indubitavelmente, representa a mais contundente e, creio, eficaz oportunidade de seguir lutando, na academia do Brasil, em prol da construção de um Brasil, uma América Latina e um mundo justo, fraterno e igualitário... (André Simões)

Uma década do ProMusPP significa marco importante na USP e na pós-graduação brasileira. Em perspectiva histórica, é digno de nota que a EACH, localizada no território da Zona Leste, seja a casa de um programa interdisciplinar inovador, lugar da produção de conhecimento crítico e comprometido com o combate às desigualdades e injustiças sociais. Sendo a USP nascida de um projeto da elite paulista, o ProMusSPP representa um "desvio de rota", importante contraponto no plano interdisciplinar com o explícito compromisso com a mudança social e com a participação política, em seu nome, em seus temas aderentes, na circulação de teorias e metodologias, na formação do corpo docente. Que venham mais décadas deste programa, mais do que inovador: necessário e relevante no cenário dos programas de pós-graduação na USP e no país, sobretudo no atual tempo histórico.

(Cristiane Kerches)



Seguimos nas trilhas da experiência de construção do ProMuSPP, pensando nos 10 anos de nossa história, nos 100 anos do educador Paulo Freire que disse: "ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos".

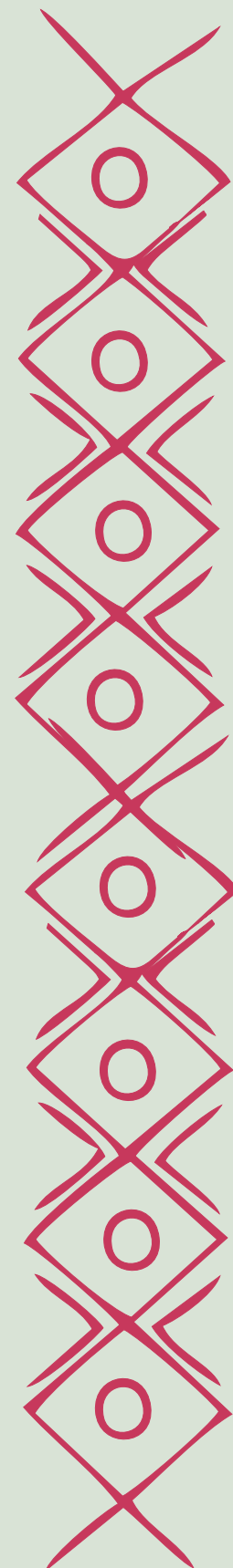
Adelante! Mais experiências nas urdiduras de diferentes fios que desenham o mosaico colorido do que somos e das resistências coletivas com participação política para mudanças sociais que produzam vidas com dignidade, sentidos e direitos, inclusive de permanecermos vivos e desenhando projetos de democracia, equidade e felicidade.



Fonte: Elizabete Franco Cruz. Comemoração da aprovação do doutorado no ProMuSPP | EACH USP.



Fonte: Elizabete Franco Cruz. Comemoração da aprovação do doutorado no ProMuSPP | EACH USP.





# Lista de dissertações defendidas até 31/12/2021

Link de acesso as dissertações: <https://sites.usp.br/promuspp/egressos>

Colegiado: 100 - EACH - Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Programa: 100004 - Mudança Social e Participação Política

Área: 100134 - Mudança Social e Participação Política

Total de teses de doutorado: 0

Total de teses de doutorado direto: 0

Total de dissertações de mestrado: 138

## Dissertações de Mestrado

### 2021

*Inserção de jovens no mundo do trabalho: estudo sobre o Projeto Dentro da Cena (2013-2020) na perspectiva de narrativas autobiográficas de um educador social no âmbito da educação profissional*

Weverson Alves da Conceição

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Pedreschi Rodrigues

*A IMPRENSA NEGRA NA DÉCADA DE 1930: um instrumento de mobilização e organização político-social*

Tadeu Augusto Matheus

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

*Desastre e reparação: a instituição da assessoria técnica como um direito dos atingidos pela mineração*

Renata Eloah Aguiar Moreira

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho

*O avanço da fronteira agrícola sobre os babaçuais do oeste do Maranhão e as percepções do processo pelas quebradeiras de coco babaçu*

Francisca Silva Viana

Orientadora: Proa. Dra. Sílvia Helena Zanirato

*Uma democracia para chamar de nossa: histórias de participação social em São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo*

Andrelissa Teressa Ruiz

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Vilela de Almeida

*Mulheres rurais: estratégias para implementação das políticas públicas federais de 2003 a 2015*

Renata Leite Manoel de Jesus

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Franco Cruz

*Participação social na construção das políticas afirmativas na cidade de São Paulo: um estudo avaliativo da IV Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial*

Rodrigo de Araujo Merida Sanches

Orientadora: Profa. Dra. Ursula Dias Peres

*Do afastamento ao impeachment: o jornalismo na construção de narrativas sobre Dilma Rousseff e os efeitos de sentido ao público leitor*

Keli Rocha Silva

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

*Movimentações dissidentes e sexualidades para dançar*

Paulo Cavalcanti

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida

*Tecendo fatos, relatos e memórias de participação política: narrativas da construção do Núcleo Impulsor São Paulo para a Marcha de Mulheres Negras 2015*

Fernanda da Silva Chagas

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

*Para no estar tan aérea de lo que soy": narrativas de participación en un colectivo de mujeres migrantes*

Corina Evelin Demarchi Villalón

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Medeiros de Castro

*O uso público sustentável em áreas protegidas: uma análise do turismo de base comunitária do território tradicional caiçara de Picinguaba*

Giovana Cioffi Nascimento

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Raimundo

*Sou príncipe do gueto, mas meu castelo é de madeira: a construção da identidade na favela da Vila Barros - Marília/SP*

Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho





## 2020

*Seu corpo, sua arte: uma jornada artística-pedagógica-corporal*

Anna Carolina Longano

Orientadora: Profa. Dra. Marília Velardi

*A perspectiva territorial no planejamento das ações de turismo: o caso de Parelheiros, Marsilac e Ilha do Bororé, extremo sul do município de São Paulo*

Luna Galvão Alvisi

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Raimundo



*Lugares da mulher na Literatura infanto-juvenil: análise de livros que propõem uma discussão do papel da mulher na sociedade de maneira não estereotipada*

Olivia Rall

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida

## 2019

*A agricultura e a cidade: os produtores agrícolas da Zona Leste de São Paulo*

Rubia Fernanda Panegassi dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Diamantino Alves Correia Pereira

*Estado, habitação e autogestão: estudo exploratório da autogestão habitacional na cidade de São Paulo*

Guilherme da Costa Meyer

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida

*Vidas nuas e necropolítica no distrito do Jardim Ângela (São Paulo, Brasil): desigualdade, racismo e genocídio no território*

Denis de Paula Carvalho Martins

Orientador: Profa. Dra. Ana Paula Fracalanza

*Faz isso por nós, faz essa por nós': reflexões sobre a periferia como sistema cultural e a universidade pública contemporânea*

Brenda Barbosa da Silva

Orientador: Profa. Dra. Marília Velardi

*Humor e conservadorismo: análise de memes durante o Impeachment de Dilma Rousseff*

Felipe Corrêa Guaré

Orientador: Prof. Dr. Jorge Alberto Silva Machado

*Narrativas de mulheres negras sobre os cuidados em saúde*

Mayara Cristina Silva Custodio

Orientador: Profa. Dra. Elizabete Franco Cruz

*A cultura na gestação, parto e nascimento: vozes das mulheres imigrantes sírias*

Samanta Ribeiro Oliveira da Silva

Orientador: Profa. Dra. Claudia Medeiros de Castro

*Juventude em desenvolvimento: as experiências formativas e a construção do Projeto de Vida*

Felix Fernando Siriani

Orientador: Profa. Dra. Patricia Junqueira Grandino

*Educação Não Formal: experiência profissional na atuação com envelhecimento em programa de saúde pública*

Silvio Ribeiro

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Pedreschi Rodrigues

*Ações educativas na assistência pré-natal de mulheres imigrantes*

Isabella Fontes Monteiro

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Medeiros de Castro

*O conceito de integralidade na produção científica em psicologia*

Amably Tayrine Juvencio da Silva Monari

Orientador: Profa. Dra. Elizabete Franco Cruz

*As transformações do universo museal pelos paradigmas do conhecimento e o aprimoramento de sua função social a partir da Nova Museologia*

Ana Paula Rosa Rodrigues

Orientador: Prof. Dr. Edegar Luís Tomazzoni

*Excelências Arcanas: Uma análise dialética da relação sigilo e transparência no Poder Legislativo Paulistano*

Debora Francisco Pereira

Orientador: Prof. Dr. Jorge Alberto Silva Machado

*Parque Augusta na luta pelo comum urbano: uma etnografia de redes e ruas*

Maria de Lourdes Silva de Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

*A implementação de grandes projetos urbanos: o trecho leste do Rodoanel Mário Covas no município de Ribeirão Pires*

Aluno: Fellipe de Oliveira Barbosa

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho

*Dimensão socioambiental e protagonismo da parturiente*

Aline Shirazi Conte

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho

*O custo aluno-qualidade como eixo do sistema nacional da educação: enfrentamento histórico ou miragem retórica*

Rogério Machado Limonti Tiburcio

Orientadora: Profa. Dra. Ursula Dias Peres



## 2018

*O Programa de Metas do Município de São Paulo: uma análise da participação da sociedade civil em rede*

Sergio Roberto Meneses de Carvalho  
Orientadora: Profa. Dra. Ursula Dias Peres

*Cidadania e migrações internacionais: imigrantes no Conselho Participativo Municipal*

Giovanna de Oliveira Kanas  
Orientadora: Profa. Dra. Claudia Medeiros de Castro

*A criança e sua família: uma análise sobre como os pais da geração nascida após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, residentes em São Miguel Paulista, compreendem a educação dos filhos*

Cristiane Nascimento Pereira  
Orientadora: Profa. Dra. Patricia Junqueira Grandino

*Ser com a floresta: conflitos ontológicos na conservação da Mata Atlântica*

Denis Robson Rodrigues  
Orientadora: Profa. Dra. Soraia Ansara

*Populações humanas na Mata Atlântica: a longa duração de manejos e cultivos agroflorestais na região do Alto Ribeira - SP*

Renata Lacerda Campos  
Orientadora: Profa. Dra. Andrea Viude Castanho

*Do pensar ao fazer: perspectivas filosóficas, conceituais e práticas acerca da agricultura biodinâmica no Brasil*

Carlos Eduardo de Souza Lôbo  
Orientador: Prof. Dr. Diamantino Alves Correia Pereira

*O monitoramento participativo como estratégia da sociedade civil para controle social: um estudo de caso da plataforma Monitorando a Cidade*

Marisa de Castro Villi  
Orientador: Prof. Dr. Jorge Alberto Silva Machado

*Paradigmas do acolhimento de crianças e adolescentes no Brasil: a Casa Crescer e Brilhar de São Vicente - SP*

Bertholdo Mauricio da Costa  
Orientadora: Profa. Dra. Patricia Junqueira Grandino

*Mais do que rua, camisinha e gel: TransCidadania, a experiência de um programa para travestis e transexuais na Cidade de São Paulo*

Michelle Borges Miranda  
Orientador: Prof. Dr. Jorge Alberto Silva Machado

*Territórios tradicionais, unidades de conservação e conflitos socioambientais: estudo de caso do Mosaico da Juréia-Itatins - SP*

Ana Carolina de Campos Honora  
Orientador: Prof. Dr. Sidnei Raimundo

*Origens do Estatuto da Criança e do Adolescente: a influência de comunidades epistêmicas na formulação da Lei no 8.069/90*

Marco José Domenici Maida  
Orientadora: Profa. Dra. Patricia Junqueira Grandino

*Movimentos sociais, território e resistência: a luta dos trabalhadores e do movimento de luta por moradia pela vila Operária em Guarulhos, SP*

Maíra Carvalho de Moraes  
Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

*O Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) do INCRA em Jundiapéba: regularização fundiária e reforma agrária*

Enzo Augusto Balbini Antonacci  
Orientador: Prof. Dr. Diamantino Alves Correia Pereira

*Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol*

Mauricio Rodrigues Pinto  
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida



Fonte: Kita da Guarda Universitária. EACH - USP Leste.

*Memória das Mulheres Zapatistas: participação, mobilização e a construção do ser mulher no movimento zapatista*

Clara Cecília Seguro da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Soraia Ansara

*A mancha no manto: a mercantilização do futebol por meio do patrocínio na camisa*

Boaz Galo de Souza Sales

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida

*As diferentes concepções de educação ambiental presentes no Programa Nascentes Verdes Rios Vivos do Instituto de Pesquisas Ecológicas*

Cintia Kogeyama

Orientador: Profa. Dra. Ana Paula Fracalanza

*A institucionalização do Plano Nacional de Juventude e Meio Ambiente: debates, tensões e perspectivas*

Gilvan David de Sousa

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho

*A educação normalizante: situações de (a)normalização do sujeito aluno-surdo em classes de aula regulares da rede pública estadual de SP.*

Isabela Zanoni Morgado

Orientadora: Profa. Dra. Aurea Maria Zöllner Ianni

*Mulheres na economia solidária: resistência cotidiana por uma nova cidadania*

Ana Paula Vieira Freire

Orientador: Prof. Dr. Edegar Luis Tomazzoni

*Desconstruindo estereótipos: narrativas da mulher negra no batuque de umbigada paulista*

Tâmara Pacheco

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

*As contradições na atividade do lazer para a formação do sujeito: uma análise sob a ótica do enfoque histórico-cultural*

Cristina Justino do Nascimento

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eliza Mattosinho Bernardes

*O Programa Escola Interativa de São José dos Campos e a participação dos professores*

Ronaldo de Souza Lopes

Orientador: Prof. Dr. Jorge Alberto Silva Machado

*Capricho, farsa ou imitação da realidade: discursos do direito em acórdãos de retificação de registro civil de travestis e transexuais*

Rachel Macêdo Rocha

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Franco Cruz

*Usos sociais do conjunto arquitetônico da antiga Estrada de Ferro Sorocabana na cidade de Sorocaba - SP»*

Luciano Rodrigues Leite

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Helena Zanirato

*Territórios de morte: homicídio, raça e vulnerabilidade social na cidade de São Paulo*

Claudia Rosalina Adão

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

*A bola e os trilhos: a incorporação do futebol em Rio Claro e o desenvolvimento do Rio Claro Futebol Clube*

Renan Vidal Mina

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida

*Algumas condições de possibilidade de efetividade da participação na revisão do Plano Diretor paulistano (2013-2014)*

Fabricio Muriana Arêa Lima

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Fracalanza



Fonte: Kita da  
Guarda Universitária.  
EACH - USP Leste.



## 2016

*A memória dos moradores do Araguaia: liderança, luta e resistência!*

Renata Lemos Petta

Orientadora: Profa. Dra. Soraia Ansara

*O conhecimento tradicional dos pescadores da Praia do Forte - BA no Projeto Tamar*

Bárbara Caroline Santos de Oliveira

Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Helena Zanirato

*A disputa pela moradia na região central de São Paulo: uma análise das ocupações Prestes Maia, Mauá e Cambridge*

Julio Cesar Braconi

Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Helena Zanirato

*Jardim Pantanal: atores e interesses, desalento e esperança*

Amanda Sousa da Silva

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho

*Para ler a guerra na Síria: a construção do consenso na cobertura da mídia global*

Babel Hajjar

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

*Mudança social, cidadania e educação: conversas com professoras e professores do ensino básico em São Paulo*

Helena Cristina Pereira de Oliveira Morita

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Franco Cruz

*Políticas públicas para a agricultura familiar: o PNAE na região do Alto Tietê - SP*

Samira Daniele Gardziulis Maia Reis

Orientador: Prof. Dr. Diamantino Alves Correia Pereira

*Do sal e do sol: práticas turísticas e conflitos sociais na construção de um espaço turístico: Boa Viagem-PE (1950)*

Solange Lopes de Alencar

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Raimundo

*Conflitos e possibilidades da participação de comunidades locais na gestão do Parque Estadual da Ilha do Cardoso, São Paulo*

Paula Fernanda do Valle

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Raimundo

*As interfaces entre o Bolsa Família e a identidade periférica à luz do fortalecimento comunitário*

Eduardo Sales de Lima

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Viude Castanho

*Função Social da Propriedade: espaço urbano e forma jurídica como estruturas de (não) efetivação do direito no Estado capitalista*

Thymon Brian Rocha Santana

Orientador: Prof. Dr. Edegar Luís Tomazzoni

*O Rugby, identidade e processos econômicos no Brasil*

Diego Monteiro Gutierrez

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida

*Segregação socioespacial na realização dos Jogos Olímpicos Rio 2016 na região da Barra da Tijuca - RJ: comunidade Vila Autódromo*

Carine Botelho Previatti

Orientador: Prof. Dr. Edegar Luís Tomazzoni

*A inserção das mulheres negras no mundo político eleitoral: uma análise sobre a sua representatividade nas Assembleias Legislativas dos estados da Bahia e São Paulo*

Milena Guesso Leão de Lima

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

*Estudo do impacto potencial das mudanças climáticas na biodeterioração de estruturas de madeira no patrimônio cultural edificado do vale histórico paulista*

Felipe Sousa Neves Andrade

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Cavicchioli

*O que a rebeldia teima? Capturas e resistências nas conferências de juventude em Santa Bárbara d'Oeste*

Rodrigo Crivelaro

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Franco Cruz

*Voluntariado e Participação Política: o caso da ONG Teto*

Ligia Chicareli Kawata

Orientador: Prof. Dr. Edegar Luís Tomazzoni



Fonte: Aline Angela Victória Ribeiro. EACH - USP Leste.



*A mudança social como objeto de estudo: referências introdutórias*

Paulo Cesar de Abreu Paiva Júnior

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho

*Pastoral Carcerária: Participação Política e Direitos Humanos*

Semíramis Costa Chicareli

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida

*O papel do APL da opala de Pedro II, Piauí, na estruturação do turismo mineral do município*

Carmen Adriana de Carvalho

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Fracalanza

*A governança no conselho gestor da Área de Proteção Ambiental Bororé-Colônia, no extremo sul do município de São Paulo*

Juliana Ferreira de Castro

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Raimundo

*A regra e o jogo: identidade, hegemonia e cultura popular tradicional no Brasil contemporâneo*

Henry Alexandre Durante Machado

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

*Escola e resistência: o caso do Liceu Autogerido de Paris*

André Blaud Ciola

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Viude Castanho

*Participação política, desenvolvimento territorial e mudança social: um estudo das manifestações dos movimentos socioterritoriais do campo no estado de São Paulo no período 2000-2012.*

Danilo Valentin Pereira

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes

*A sustentabilidade em questão: paradigma ou matriz discursiva?*

Gustavo da Costa Meyer

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho

*A experiência de turismo do Quilombo Ivaporunduva, Eldorado, São Paulo: análise dos elementos responsáveis pelo seu desenvolvimento*

Alessandra Blengini Mastrocinque Martins

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Raimundo

*"Itaquera para quem?" Projetos urbanos e mudanças socioespaciais na periferia de São Paulo*

Filipe Vieira de Oliveira

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Helena Zanirato

*Inclusão social no meio universitário: o discurso e a vivência cotidiana do estudante na EACH-USP*

leda de Menezes Reis

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Viude Castanho

*A normativa de proteção ao tráfico ilícito do patrimônio cultural: o acervo arqueológico do Instituto Cultural Banco Santos*

Anauene Dias Soares

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Helena Zanirato

*Do passado que insiste em persistir: conflitos e possibilidades para um desenvolvimento do turismo de base comunitária na Vila de Barra do Una em Peruibe (SP)*

Paulo Tácio Aires Ferreira

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Raimundo

*O turismo no litoral norte de São Paulo: o caso de Camburi*

Tatiane de Moraes Ferreira

Orientador: Prof. Dr. Hervé Émilien René Théry

*A construção de fortalecimento comunitário e participação política nos CRAS do município de Várzea Paulista*

Ingrid Matzembacher Stocker Taffarello

Orientadora: Profa. Dra. Soraia Ansara

*Conservação preventiva de bens culturais em Casa-Museus na perspectiva das condições microambientais*

Priscila Leitão Denardi Alegre

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Cavicchioli

*Sentidos do corpo e das práticas corporais nas trajetórias de pessoas que sofreram violência sexual na infância e na juventude*

Alexandre Ferreira Lapa Polac

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Franco Cruz

*Tecendo Sentidos: A Educação Infantil na perspectiva das crianças, famílias e educadores(as)*

Elisangela Alves de Araujo

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Franco Cruz

*Saúde da mulher na perspectiva dos profissionais e gestores de saúde de Corumbatai*

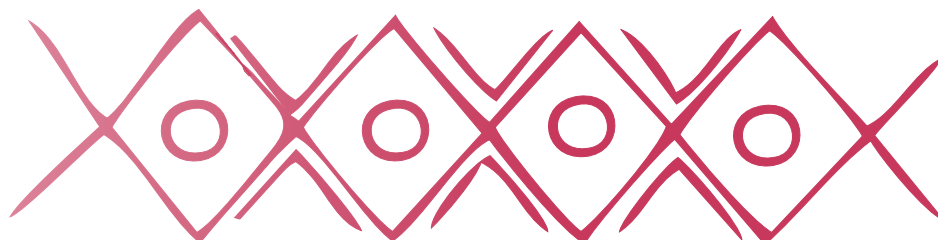
Mariana de Gea Gervasio

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Franco Cruz

*Memória e ferrovia: Diferentes gerações relembando a experiência da Cia. Paulista de Estradas de Ferro em Rio Claro*

Andréa Batista Nunes

Orientadora: Profa. Dra. Soraia Ansara



*Construções históricas no Vale do Paraíba Paulista: caracterização de materiais de alvenaria usados nas edificações com terra*

Maria Salete Perroni

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Cavicchioli

*Concepções de sexualidade e direitos humanos: uma análise psicopolítica a partir das paradas do orgulho LGBT de São Paulo e Campinas*

Fábio Ortolano

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Soares da Silva

*Conselho municipal de assistência social de São Paulo (COMAS-SP): Análise das potencialidades e limites da atuação no COMAS-SP na Política de Assistência Social do Município de São Paulo*

Raquel Gammardella Rizzi

Orientadora: Profa. Dra. Ursula Dias Peres

*Protagonismo feminino e consciência política: uma análise do papel da economia solidária na ação política da União Popular de Mulheres de Campo Limpo e Adjacências*

Ana Gabriela Moreira Pudenzi

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Soares da Silva

*Vamos lá falar: um estudo psicopolítico das percepções sobre a corrupção em Moçambique*

Rogério Juvêncio Ferro

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Soares da Silva

*Instituições acadêmicas no Conselho Gestor da Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Centro do Estado de São Paulo*

Lais Cristina Alvares Rodrigues Assis

Orientador: Prof. Dr. Diamantino Alves Correia Pereira

*Percepções docentes sobre a nova Proposta Curricular (2008) da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo*

Leandro Ferreira de Melo

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Viude Castanho

*Terceiro Setor e educação não formal: o impacto da formação continuada da ação comunitária na consciência política de educadores sociais das organizações conveniadas da zona sul e região metropolitana de São Paulo*

Maria Eugenia Augusto Gregorio

Orientador: Prof. Dr. Salvador Antonio Mireles Sandoval

*Negros na universidade: A cobertura da mídia sobre as políticas públicas de inclusão sócio-racial no Brasil*

Tatiana Cavalcante de Oliveira Botosso

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

*O espaço da participação e a cidade no cotidiano de famílias de pessoas com autismo*

Marcia Francisca Lombo Machado

Orientadora: Profa. Dra. Soraia Ansara

*Alianças Trans-Fronteiriças: Memória política de ações de solidariedade na Costa Rica no contexto da ditadura militar somozista*

Elvira Riba Hernandez

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Soares da Silva

*Imagens do êxodo: sentidos políticos do Jeca*

Ramon Luis Zago de Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Salvador Antonio Mireles Sandoval

*Conselhos de políticas públicas e associações de moradores: estudo de caso orçamento participativo no município de São Carlos*

André Galindo da Costa

Orientadora: Profa. Dra. Ursula Dias Peres

*(Im)possibilidades da proteção social na contemporaneidade: uma reflexão sobre políticas públicas sociais e processo de individualização*

Patricia Avila

Orientadora: Profa. Dra. Aurea Maria Zöllner Ianni

*Luta antimanicomial: Da participação política à formação da personagem militante*

Débora Cidro de Brito

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida

*Dimensão social da participação comunitária no processo de urbanização nos bairros cota da Serra do Mar em Cubatão*

Adilana Goulart Silva Ovando

Orientador: Prof. Dr. Diamantino Alves Correia Pereira

*Os resultados das políticas públicas para o desenvolvimento do uso público em Unidades de Conservação no Brasil e no Canadá*

Fabricio Scarpeta Matheus

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Raimundo

*Educação básica no Brasil e História e Cultura Africana e Afro-brasileira - competências e habilidades para a transformação social?*

Livia Pizauro Sanchez

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida

*As condições concretas da jornada especial de formação: um estudo no movimento de formação continuada de professores*

Sandra Aparecida Santana Assali

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eliza Mattosinho Bernardes

*Praça da Sé: Reformada ou deformada pelas obras do Metrô?!*

Altivo Ovando Junior

Orientador: Prof. Dr. Diamantino Alves Correia Pereira

*Saber molhar o sertão, patrimônio cultural imaterial em Mirorós - Bahia*

Joana Crivelente Horta

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Helena Zanirato

*Memórias dos Cacerolazos: cartografias de forças não sonoras se tornando sonoras*

Paulo Ricardo Betencourt

Orientadora: Profa. Dra. Soraia Ansara





## 2013

*Análise sobre a discussão para implementação da cobrança pelo uso da água: desafios da gestão participativa no Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê*

Sara da Silva Freitas

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Fracalanza

*Relação empresa e sociedade: um estudo de caso entre a Companhia Brasileira de Alumínio e o município de Alumínio*

Sergio Masaharu Enabe

Orientadora: Profa. Dra. Ursula Dias Peres

*Produção integrada como base da elaboração de política pública para o desenvolvimento sustentável da cadeia produtiva de hortaliças do Alto Tietê*

Renato Augusto Abdo

Orientador: Prof. Dr. Diamantino Alves Correia Pereira

*Os parques da realidade e da ficção*

Monica Alves Cardona

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida

*Trajetos na cidade: cartografias de saúde e subjetividade*

Priscila Tamis de Andrade Lima

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Franco Cruz

*Escola de Samba em São Paulo: identidade e engajamento*

Fernanda Fernandes dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

*Política e participação na Comissão Nacional de Biodiversidade (CONABIO)*

Atilio Viviani Neto

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho

*Políticas Públicas de atividade física no Brasil Nacional Desenvolvimentista (1946 a 1964): análises e reflexões*

Eduardo Mosna Xavier

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida

*Panorama da Agricultura Urbana e Periurbana no município de São Paulo*

Ana Paula Gouveia Valdiones

Orientador: Prof. Dr. Diamantino Alves Correia Pereira

*Ações coletivas e movimento ambiental na Cantareira - 25 anos de resistência*

Ivini Vaneska Rodrigues Ferraz Ferreira

Orientador: Prof. Dr. Diamantino Alves Correia Pereira

*Mulher negra e saúde pública: o discurso feminino nos movimentos negros*

Ana Rita dos Santos Ferreira

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Viude Castanho

*Bolivianos em São Paulo: Dinâmicas da Imigração, Reflexões e Práticas da Mudança Social*

Leandro da Silva Selari

Orientadora: Profa. Dra. Soraia Ansara

*Educação Inclusiva ou Educação para Todos?*

*Contribuições da teoria histórico-cultural para uma análise crítica da realidade escolar*

Sandra Paula da Silva Batistão

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eliza Mattosinho Bernardes

*Paisagens paulistanas, memória e patrimônio às margens do rio Tietê*

Danilo da Costa Morcelli

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Helena Zanirato

*Greenwashing: os conflitos éticos da propaganda ambiental*

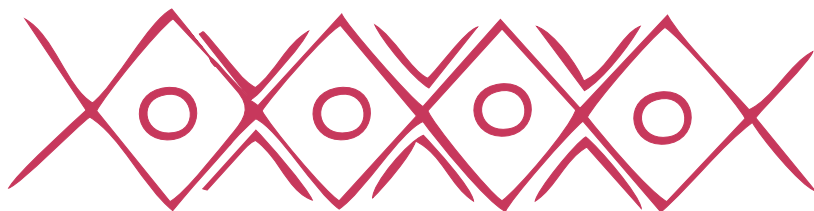
Erico Luciano Pagotto

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho

*Plantar alimento ou combustível? Formação territorial no sertão baiano*

Vinicius Navarro Morende

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Raimundo



## 2012

*Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*

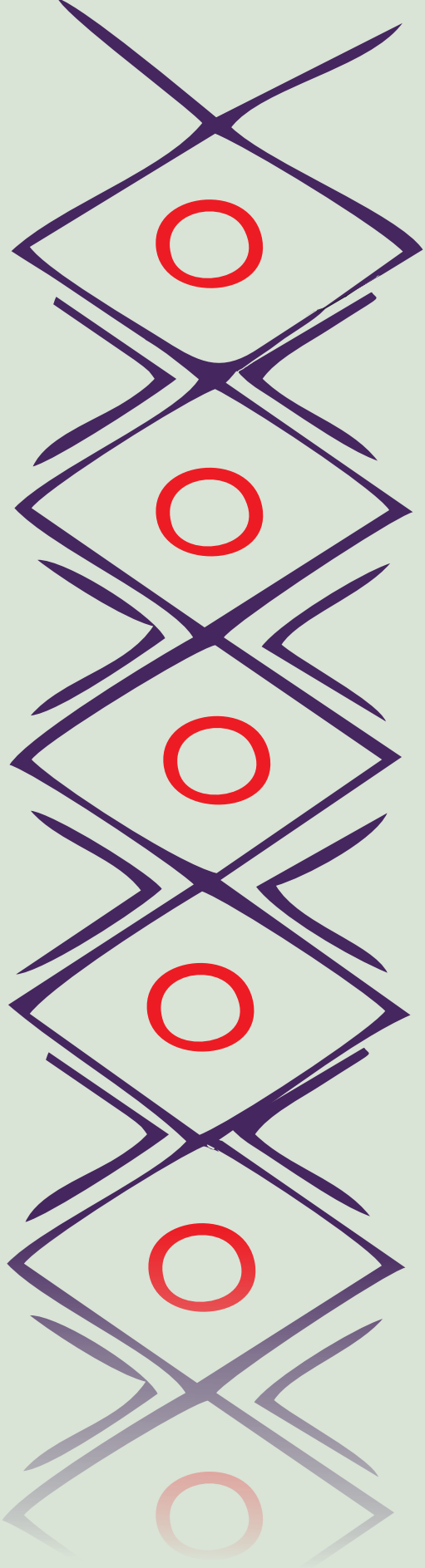
Felipe Corrêa Pedro

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida

*Consciência, participação e negociação: uma leitura psicopolítica do processo de produção do Plano de Manejo da APA Várzea do Rio Tietê*

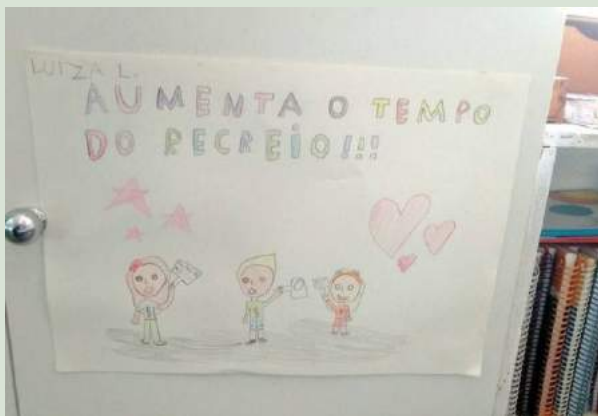
Guilherme Borges da Costa

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Soares da Silva



## 5. Esperançar





Fonte: Correio Braziliense. Desenho publicado na matéria "Crianças que citaram Paulo Freire em protesto conseguem mais tempo de recreio" de 01 de outubro de 2021, Minas Gerais.



Fonte: Correio Braziliense. Desenho publicado na matéria "Crianças que citaram Paulo Freire em protesto conseguem mais tempo de recreio" de 01 de outubro de 2021, Minas Gerais.



Fonte: Correio Braziliense. Desenho publicado na matéria "Crianças que citaram Paulo Freire em protesto conseguem mais tempo de recreio" de 01 de outubro de 2021, Minas Gerais.

Em 2021 os jornais publicaram uma matéria mostrando que em uma escola de Belo Horizonte, crianças fizeram uma manifestação para ampliar o tempo do recreio. O detalhe que encanta é o desenho de Bella Gallo Tavares, de oito anos, que mostra o túmulo de Paulo Freire com uma mão levantando o cartaz "aumenta o recreio".

## O movimento das crianças saiu vitorioso e ganharam mais tempo de recreio!

<<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/10/4952731-criancas-citam-paulo-freire-em-protesto-por-mais-tempo-de-recreio.html>>. Acesso em: 08/12/2021)

Assim fechamos lembrando que o

**Boletim ProMuSPP 2 celebra Paulo Freire, 100 anos, e os 10 do Programa de Pós-Graduação em**

**Mudança Social e Participação Política  
!!!**

**Paulo Freire Vive!  
Abrace o esperançar!  
A luta e o recreio!**

**Longa vida ao ProMuSPP!**

**Acesse o link e conheça o Programa de Pós-Graduação em  
Mudança Social e Participação Política**

**<https://sites.usp.br/promuspp/>**

